



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**Formação Docente na Perspectiva Inclusiva:
Um olhar sobre o autismo**

CAMILA ROCHA VIANA

BRASÍLIA
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia à
Comissão Examinadora da Faculdade
de Educação da Universidade de
Brasília, sob a orientação da professora
Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

**Formação Docente na perspectiva inclusiva:
Um olhar sobre o autismo**

CAMILA ROCHA VIANA

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Sinara Pollom Zardo
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. M^a Edelce Aparecida Santos Buzar
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Monografia de autoria de Camila Rocha Viana, intitulada “A formação Docente na perspectiva inclusiva: um olhar sobre o autismo”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Brasília, em 26/07/2013, defendida e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Professora Dr^a. Fátima Lucilia Vidal Rodrigues – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dr^a Sinara Pollom Zardo - Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Profesora M^a Edeilce Aparecida Santos Buzar
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Brasília
2013

A Deus, a minha família, aos amigos e aos professores que contribuíram para minha formação.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo eu venho agradecer ao meu Deus tão maravilhoso, pois se hoje estou escrevendo meu trabalho final de curso, devo tudo a ele, quem me abençoou com a aprovação no vestibular, sustentou-me durante todo esse tempo e me deu a possibilidade de diversas aprendizagens e experiências até aqui vividas. Obrigada pai, pela tua misericórdia, graça, paz e esse amor tão incondicional.

Agora venho agradecer ao meu pai Osório e a minha mãe Vânia, que sempre foram pais presentes e preocupados com o meu futuro, e que sempre estiveram ali me incentivando a estudar e a correr atrás dos meus objetivos. A conquista de uma vaga em uma Universidade Federal foi sonho alcançado não só por mim, mas por eles também. Obrigada pelos puxões de orelha, hoje vejo o quanto valeu à pena, obrigada por todo amor.

Agradeço também ao meu irmão Rafael, após o término do ensino médio, era nele quem eu me espelhava e buscava alcançar um dia, um garoto inteligente, estudioso e bastante esforçado, sempre o admirei muito e obrigada pelo irmão que és pra mim, sempre preocupado com a minha formação e com a minha vida de um modo geral.

Os meus agradecimentos vão também ao meu marido Felipe, quando nos conhecemos, eu estudava para o vestibular da UnB e ele estudava para concurso e, no decorrer do tempo, tanto eu quanto ele conseguimos alcançar os nossos objetivos, ele sempre me apoiando, estando ao meu lado sempre que eu precisei. Nos últimos tempos de universidade, por muitas vezes, o cansaço falava mais alto e ele sempre me motivou a continuar a caminhada, e aqui cheguei, obrigada, meu bem.

Ao meu sogro Mauricio, sogra Francineide e cunhado Lucas, a família maravilhosa que me acolheu como filha e irmã, sempre torceram pela minha felicidade, os quais puderam acompanhar de perto meus últimos anos de formação acadêmica, orando por minha vida e vibrando com as minhas conquistas, obrigada por todo o carinho.

Agradecer a minha cunhada Aline, sempre tão carinhosa e atenciosa, disposta a me ajudar e a me incentivar a continuar estudando e buscando tudo aquilo almejado por mim.

A minha querida professora e orientadora Fátima Lucília Rodrigues, uma pessoa tão bonita tanto no interior quanto no exterior, disposta a me ajudar sempre que precisei, acompanhando de perto o meu desenvolvimento. Pude me envolver no projeto 3 “Autismo e Psicose”, o qual não conseguir mais largar, a partir dela criei um amor muito grande por essa área e para mim hoje é uma realização estar finalizando meu trabalho nessa temática. Nos últimos anos, tenho enfrentando vários problemas de saúde e também a perda de uma tia muito querida, tem sido muito difícil, mas foi graça a compreensão e o incentivo da professora Fátima que consegui chegar até aqui. Profª linda, obrigada por tudo.

Várias pessoas passam por nossas vidas, mas existem algumas que passam, ficam, vivem junto, sofrem junto, alegram junto e vencem junto. Deus me presenteou com amigos muito importantes, que estiveram sempre ao meu lado até o último momento alcançando comigo essa vitória. Obrigada Françoise, Bruna e Elaine, foram minhas primeiras amigas e perduram até hoje. Obrigada Lucas, Aline, Stephanie e Shirley, a gente formou e sempre iremos formar o quinteto mais unido e amigo, sempre preocupando um com o outro e torcendo para que sempre desse tudo certo. Obrigada Nathalia, Izabella, Marize e Maysa por toda preocupação, carinho e boa vontade e sempre tão dispostas a me ajudar. É com muito orgulho que falo aos meus amigos: obrigada por tudo que são e representam na minha vida, estamos juntos na caminhada.

Agradecer a todos que de alguma forma puderam me ajudar e estar comigo, seja com um sorriso, um abraço, uma palavra, uma oração, uma presença, enfim, eu não cheguei aqui sozinha, todos vocês fazem parte da minha construção como sujeito, essa vitória é nossa.

“Nossas vidas começam a terminar no dia em que permanecemos em silêncio sobre as coisas que importam”.

(Martin Luther King)

VIANA, Camila Rocha. A Formação Docente em uma Perspectiva Inclusiva: Um olhar sobre o Autismo. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013

RESUMO

O presente trabalho aborda a questão da formação docente, extremamente importante para que a escola proporcione uma educação de qualidade, isso nos remete à uma formação feita na experiência, e ao como tem sido realizado o trabalho pedagógico com sujeitos com autismo em uma escola da rede regional de ensino. O objetivo geral deste trabalho monográfico foi analisar a formação docente dos professores que trabalham com crianças e adolescentes com autismo em uma perspectiva inclusiva. Como referências teóricas foram utilizados documentos nacionais sobre a inclusão e teve como base autores como Alfredo Jerusalinsky, Claudio Baptista, Cleonice Bosa e Fátima Rodrigues, dentre outros. A pesquisa é de característica qualitativa, na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores de uma escola situada na região da Asa Sul- Brasília. Os resultados obtidos demonstram que existem diversas práticas e estratégias utilizadas pelos professores, porém existem muitas controvérsias em suas práticas diante do sujeito com autismo.

Palavras-chaves: Formação docente, educação inclusiva, autismo.

VIANA, Camila Rocha. A Formação Docente em uma Perspectiva Inclusiva: Um olhar sobre o Autismo. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013

ABSTRATC

This paper addresses the issue of teacher training, extremely important for the school to provide quality education, it takes us back to a formation made the experience, and as has been done pedagogical work with individuals with autism in a school network regional education. The aim of this monograph was to analyze teacher education teachers who work with children and adolescents with autism in an inclusive perspective. As theoretical reference documents were used on the national and inclusion was based authors such as Alfredo Jerusalinsky, Claudio Baptista, Cleonice Bosa and Fatima Rodrigues, among others. The research is qualitative characteristic, in which semi-structured interviews were conducted with teachers from a school located in the region of the South Wing Brasilia. The results show that there are various practices and strategies used by teachers, but there are many controversies in their practices on the subject with autism.

Keywords: Teacher education, inclusive education, autism.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
MEMORIAL EDUCATIVO	14
INTRODUÇÃO	24
CAPÍTULO 1	
A AÇÃO DO EDUCADOR EM UMA DIMENSÃO QUE CONSIDERE A PERSPECTIVA INCLUSIVA.	26
1.1 O HISTÓRICO DA INCLUSÃO.....	26
1.2 AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO INCLUSIVA.....	30
1.3 A PERSPECTIVA INCLUSIVA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR	33
CAPÍTULO 2	
UM OLHAR SOBRE O AUTISMO	38
2.1 O AUTISMO A PARTIR DOS MANUAIS DE CLASSIFICAÇÃO	39
2.2 O CONCEITO DE AUTISMO	44
CAPÍTULO 3	
METODOLOGIA	48
3.1 CONTEXTO EMPÍRICO DO ESTUDO	48
3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	49
3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS.....	50
CAPÍTULO 4	
ANÁLISE DE DADOS	52
1. FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A DICOTOMIA NO RECONHECIMENTO DA FORMAÇÃO OFERECIDA.	52
2. PROCESSOS DE APRENDIZAGEM RECONHECIDOS NO TRABALHO COM CRIANÇAS AUTISTAS.	56
3. O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO E NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM AUTISMO.	61
4. O DIAGNÓSTICO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM CRIANÇAS COM AUTISMO.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72
Apêndice 1	75
Apêndice 2	77
Apêndice 3	79

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa foi elaborada como trabalho final de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e encontra-se dividida em duas partes, sendo a primeira o memorial e as perspectivas profissionais, e a segunda a monografia.

Na primeira parte denominada memorial, juntamente com as perspectivas profissionais, retrato toda minha trajetória escolar e universitária, relatando também a minha paixão e o interesse na área de educação inclusiva.

A segunda parte, denominada monografia, apresenta-se com o título “Formação Docente em uma Perspectiva Inclusiva: Um olhar sobre o Autismo” e está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo “A ação do educador em uma dimensão inclusiva” retrata sobre o histórico da inclusão a partir das conquistas alcançadas desde meados da década de 80 até o século XXI e, retrata também, as políticas públicas de formação inclusiva na formação do professor. O segundo capítulo “Um olhar sobre o autismo” explana as classificações dos diagnósticos e o conceito de autismo. No terceiro capítulo, “Metodologia”, apresento como foi desenvolvida a pesquisa. O quarto capítulo “Análise de Dados” apresenta os procedimentos de coleta de dados juntamente com a discussão baseada nas ideias dos teóricos estudiosos da área. Ao final discorro sobre algumas considerações do processo de pesquisa e conclusões, nesse momento, provisórias e que pretendo ampliar em estudos futuros.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO E PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

MEMORIAL EDUCATIVO

Os primeiros passos

Numa bela manhã de sol, ao sair da praia de Salvador uma moça foi ao hospital buscar o resultado do exame de sangue, ela teve uma surpresa e também felicidade em saber que estava grávida de seu segundo filho.

No dia 04/02/1989 às 18h30min, estava nascendo uma menininha de 3 quilos e 600 gramas e 48 centímetros de comprimento, bem moreninha e cabeludinha, ali se iniciava uma grande jornada que já completa 24 anos.

Quando vim ao mundo já esperavam por mim, meu pai, minha mãe e meu irmão que à época tinha três aninhos, ficou com tanto ciúmes que até jogou a chupeta fora, pra dizer que ele já era um rapazinho.

O tempo foi passando, eu fui crescendo e me desenvolvendo, como grande parte das crianças comecei a andar a falar e, aos 4 anos de idade, fui colocada na minha primeira escola chamada “O Príncipezinho”.

Esta escola hoje em dia não possui mais o mesmo nome, mas era uma escola particular bem próxima a minha casa. As donas e a coordenação eram freiras.

Estudei lá todo o jardim de infância, escola onde meu irmão também havia estudado. Lembro-me ainda hoje da estrutura dela, era pequena, em uma parte onde tinham as salas de aulas, no centro era o pátio com uns desenhos no chão, e amarelinhas. Toda essa parte que envolvia as salas e o pátio era cercada, para que as crianças não pudessem sair de lá, porque após esse cercadinho tinha a quadra, um galpão onde eram feitas as apresentações e formaturas, e também o estacionamento.

Na escola tinha um coral, o jardim I e o II, nos quais participei. Do que recordo, eu gostava, e estava sempre participando de apresentações para os pais, lá mesmo, no galpão da escola.

Nessa escolinha fiz amiguinhos com os quais estudei até o ensino fundamental e médio.

Pelo que meus pais falam, eu era bem tranqüila, não dava trabalho em sala de aula, fazia os deveres, só no início que eu chorava, mas logo me acostumei.

Uma coisa me lembro bem, foi o que me atrapalhou quando estava no jardim III, a troca das professoras. Neste ano, eu tinha uma professora que ainda lembro o nome dela, era a paixão da criançada, mas ela teve que sair, a mudança acabou mexendo muito comigo, perdi a vontade de ir à escola. Meus pais me estimulavam e sempre me levavam, mas não era mais o mesmo. O tempo passou e eu fui me acostumando, mas novamente trocaram a segunda professora, vindo outra, isso tudo num mesmo ano, foi bem difícil, mas no final deu tudo certo. Tive minha primeira formatura aos seis anos de idade, com direito a apresentação de coral e tudo.

Meus pais, super felizes, e a minha família também presente, estavam todos comemorando. Naquele momento tudo era festa, mas quando foi se aproximando o início do ano, comecei a ficar ansiosa e com medo, pois estava indo pro ensino fundamental, para uma escola bem grande, essa transição me assustou bastante.

Na primeira fase da minha formação, não tive estímulo pela escola ou orientação a cerca das profissões, era algo desconhecido. Não tinha nenhum sonho e vontade relacionada a essa escolha.

E o tempo continua

Minha segunda escola foi “O projeção”, uma escola enorme com ensino fundamental e ensino médio, depois virou também faculdade. Meu irmão estudava lá, enquanto eu estava na primeira série, ele já estava na quinta.

Minha chegada à escola foi um pouco difícil, mas com o tempo fui me adaptando, considero que o que me atrapalhou foi o feito de eu e minha melhor amiga estudarmos na mesma sala, era conversa a aula inteira, os professores sempre reclamando, quando chegou o segundo semestre, partindo para o final do ano, nossas notas em matemática estavam bem ruins, aí resolveram nos trocar de sala. Ficamos bem chateadas, pois não queríamos nos separar, mas não teve jeito.

Aos sete anos quando entrei pro ensino fundamental, também comecei a fazer natação e jazz, fiz durante 7 anos, era a minha paixão, fazia várias apresentações em diversos lugares, hoje fico pensando porque será que não segui essa carreira de dança, uma área que mexe com todos os meus sentidos, talvez fosse essa uma vocação, mas acabei não seguindo, hoje estou parada, há muitos anos não danço.

Tive que sair da dança, pois estava no último nível, onde ficaria só treinando e viajando para competir e apresentar, mas eu era nova, precisava estudar, meus pais resolveram me tirar, pois não permitiriam que eu deixasse o estudo de lado para ficar viajando. Naquela época assim como hoje, a dança não é tão valorizada, as pessoas gostam, acham legal e divertido, mas ter a dança como uma profissão, pára a cabeça de muitos, isso não faz sentido. Até hoje sinto muita falta.

Falando em profissões, da primeira a quinta série não teve também nenhuma orientação a respeito disso, muitos já começavam a ter seus sonhos, por ver e idealizar a profissões dos pais ou de familiares. Eu não tinha nenhum sonho profissional, mas lembro que quando ia ao Carrefour ou o Extra, achava super legal aquelas mulheres trabalhando com patins. E pensava: nossa quando eu crescer eu vou querer trabalhar como elas! Nem sabia que trabalho elas faziam, mas só de estarem com patins, para mim chamava muita atenção e despertava este desejo. Lembro que minha mãe só ria de mim e falava se você quer trabalhar como elas tudo bem.

Da quinta a oitava série, a escola promovia feiras de ciências, era bem legal, pois a gente participava. Eram formados grupos na sala e cada um ficava com um stand na feira. A escola decidia os temas e a gente tinha que desenvolver e apresentar, várias escolas eram convidadas a participar. Recordo-me de alguns que fiz, que eram sobre higiene bucal, animais aquáticos, catapora. Era muito interessante o aluno poder apresentar seus próprios trabalhos, os pais sempre davam todo apoio e nos acompanhavam orgulhosos. Essas feiras de ciências eram enormes, onde todos os alunos da escola participavam, do ensino fundamental e médio, eram vários assuntos abordados, dentre eles as profissões, mas nós alunos que tínhamos que ter o interesse de ir conhecê-las, os professores não nos levavam, era algo livre. Nessa época ia a alguns stands, mais ainda sim não me interessava por nenhum curso, a minha vontade de trabalhar era com outra coisa, queria ser cabeleireira, adorava mexer no cabelo dos

outros, fazer penteados, achava o máximo. Minha mãe falava minha filha isso é um emprego digno, mas você precisa estudar pra ter um emprego ainda melhor, mas eu não me importava muito.

Finalizei o ensino fundamental, foi uma experiência muito boa, e partir dali estava partindo para outra escola, onde consegui uma bolsa para estudar. Estava saindo do ensino fundamental sem nenhuma profissão em mente, e mais uma vez não tive nenhuma orientação mais específica sobre isso, por mais que tivessem as feiras de ciências, os professores não motivavam a isso.

A moçinha está crescendo

Iniciei o primeiro ano do segundo grau com 15 anos. Deixei praticamente todos os meus amigos na outra escola, apenas uma amiga foi comigo para o ensino médio. Estudei no “Ideal”, era o primeiro ano da escola também, mas meu padrinho iria dar aula de matemática e falou que os professores eram muito competentes, e meus pais resolveram arriscar.

A escola era pequena, acho que isso ajudou bastante, pois o ensino médio para mim foi o mais diferente de todos, porque eram várias matérias e essas eram divididas, então eram 4 professores de matemática, 2 de português, 2 de física e assim por diante. Era muita coisa, muita informação, mas pelo fato de a escola ser pequena, todo mundo foi se conhecendo, então a relação dos professores, alunos, profissionais de educação em geral, pessoal da limpeza, era todo mundo próximo, todos se falavam. Então, era um ambiente bem agradável, o que propiciou a uma melhor adaptação.

Assim como as escolas de ensino médio em geral, a minha também tinha o foco para o PAS e o vestibular da UnB. Então iniciava as perguntas sobre qual curso iríamos fazer. Por mais que tivessem essas indagações durante todo o ensino médio, na minha escola, o máximo que eles faziam era falar que precisávamos procurar as profissões, conhecer cada uma, buscar no guia dos estudantes, mas trabalho relacionado a isso não era feito.

Comecei a me interessar por diversos cursos, o primeiro foi biologia, a disciplina estava me despertando esse interesse, até hoje acho super legal mexer com animais, e

também gostava da área das plantas, mas depois de um tempo vi que esse curso ia muito mais além do que imaginava, e que talvez não fosse uma boa profissional por ter medo de algumas coisas, e por aí foi passando por diversas profissões, uma área que sempre me interessou foi a área da saúde, meus pais são dessa área, minha mãe é técnica em enfermagem e meu pai trabalha na parte administrativa do centro cirúrgico do Hospital de Base, mas a minha vontade, não estava ligada a isso, na verdade é de querer cuidar das pessoas e ajudá-las, sou apaixonada por essa área, durante todo o ensino médio pensei nela, mas a frente vou explicar porque não fiz essa escolha.

Durante o ensino médio fiquei mesmo com a área da saúde no coração, fiz o PAS para enfermagem, não passei, não sabia se ficava triste ou feliz, porque era uma área que gostava muito, mas não tinha a certeza disso.

No ensino médio, mesmo que o aluno não quisesse fazer o vestibular da UnB, ou não queria o ingresso na faculdade após o ensino médio, era uma pressão tão grande em relação a isso, que o aluno ficava doido, com aquela necessidade de ter que escolher logo um curso, para entrar na faculdade se não ia ficar para trás. Isso atrapalha bastante, porque às vezes o aluno não está preparado, ou não tem maturidade suficiente para iniciar essa fase que é tão importante para nossa vida, que acaba fazendo uma escolha meio que obrigado. Às vezes porque a escola pressiona ou por influência de familiares e, pelo próprio mundo, o aluno não faz por vontade e acaba sendo frustrado. Uma profissão que ele poderia se sair muito bem, desempenhando suas habilidades, acaba se tornando o contrário, um sacrifício. Olho isso como se aquela pessoa tivesse perdendo belos anos da vida com algo que pode trazer muita tristeza e chateação.

Quando saí do ensino médio, entrei para um cursinho pré vestibular, fiz um ano no “Obscursos” e um ano no “Exatas”.

Durante esses dois anos de preparação, o que atrapalhou foi não saber qual curso eu queria fazer. Não tinha foco, aquele desejo de passar mesmo para fazer aquele determinado curso, e como isso atrapalhou. Durante essa fase quis fazer milhões de cursos como: enfermagem, serviço social, engenharia civil, psicologia, veterinária, enfim foram diversos cursos. Como uma pessoa se motiva dessa

forma? Estudar pra passar, só pra dizer que estuda na UnB? Nunca pensei em fazer pedagogia, mas contarei a minha história.

Retomando à área da saúde que falei deste amor antigo, resolvi não fazer por medo de sofrer, pois não sei o porquê dessa minha barreira, mas não consigo ver “gente morta” e não ficar muito ruim depois por isso, sei que não é algo fácil para ninguém, mas para mim até hoje é uma grande dificuldade. Toda vez que vejo o corpo de uma pessoa independentemente se conheço ou não, fico sem dormir à noite, fico sem vontade de comer, fico com uma sensação tão ruim, que não consigo explicar. E pensei por diversas vezes, como vou trabalhar na área da saúde, eu me apego muito fácil às pessoas, e depois se algum dos meus pacientes morrerem como vou lidar com isso, acho que levaria essa parte pro pessoal e toda vez que isso acontecesse iria sofrer muito. Na hora de estudar anatomia como vou fazer pra olhar aquele corpo, e estudá-lo apenas como se fossem peças. Como eu seria uma boa profissional com todos esses medos. Infelizmente não tive nenhuma orientação quanto a isso, a única coisa que eu ouvia era que me acostumaria com o tempo. Quem me garantia isso? Mesmo com essa grande vontade resolvi abrir mão.

Nenhum dos cursos que foram citados pensei neles pela remuneração, mas sim porque havia um interesse. Mas quando comecei a pensar no mercado de trabalho, comecei a anular alguns, pois queria realmente me formar e depois poder exercer a profissão escolhida.

No segundo cursinho que fiz, lá teve pela primeira vez em toda minha vida de estudante, um teste vocacional, mas ele era feito por uma psicóloga. Não me ajudou muito, pois ela fazia perguntas bem gerais, no final do teste me dava uma lista com vários cursos, em minha opinião aquele teste foi desnecessário.

Ao final de dois anos sem saber o que fazer, desisti de fazer cursinho, era muito cansativo, estava vendo o tempo passar e resolvi fazer uma faculdade particular, não por vocação mas para o mercado de trabalho e concurso público.

Porque Direito

la fazer faculdade particular, não são nada baratas, então resolvi fazer um curso que pudesse me ajudar no futuro. Nunca tinha pensado fazer esse curso, mas foi uma boa escolha, ao conhecê-lo, vi o quanto é interessante, e para nós cidadãos é muito importante conhecer não só na teoria, mas também na prática os nossos preciosos direitos. Pensava também no mercado de trabalho que é muito amplo.

Fiz um ano de Direito, mas no segundo semestre fiz junto com o primeiro semestre de pedagogia. Foram muito puxados, dois cursos de muita leitura e bem diferentes, era difícil levar os dois com qualidade, então tive que mais uma vez fazer uma escolha em qual curso ficar. Decidi pela pedagogia, trancando a faculdade de Direito, mas não é definitivo, pois quando me formar e estiver trabalhando, quero retornar ao curso de Direito e dar continuidade.

Meus amigos do Direito, eram pessoas mais velhas em sua grande maioria, que já estavam em sua segunda ou terceira graduação, e quando falava que ia trancar o Direito pra cursar Pedagogia todos me orientavam a não fazer essa escolha, pois eles por experiência própria eram formados, mas sem grandes perspectivas de bom mercado de trabalho e por isso estavam fazendo o curso de Direito para concurso público. Confesso que fiquei na dúvida, pois meu sonho e de minha família de passar na UnB tinha sido realizado, mas não tinha certeza do curso, até porque minha visão naquela época como a de muitos hoje em dia é de relacionar Pedagogia a criança e só.

Pensei bastante, e resolvi arriscar e correr atrás do meu sonho, não podia desistir sem ao menos tentar e como sou feliz pela minha decisão.

Porque Pedagogia

Nunca pensei em fazer o curso de Pedagogia, a minha escolha eu falo que na verdade não foi minha e sim plano de Deus para minha vida. Quando eu já estava cursando Direito e abriram as inscrições do vestibular da UnB, estava muito desanimada, porque já tinha feito várias provas e não tinha passado e também não sabia qual curso fazer. Meus pais ficaram me motivando para que eu fizesse, então resolvi me inscrever. Coloquei a opção de curso para Serviço Social porque achava interessante, mas deixei para pagar a inscrição no último dia e acabou não dando

certo. A minha sorte foi porque prorrogaram as inscrições e pude me inscrever novamente, mas não deu mais certo para Serviço Social porque o sistema não aceita fazer a inscrição duas vezes para o mesmo curso. Fiquei pensando: e agora qual curso fazer? Pensei durante um tempo e de repente veio a idéia de Pedagogia, mas só pelo fato de gostar de criança, não tinha muita noção do que era realmente o curso. Fiz o vestibular, achei a prova muito difícil e mais uma vez saí triste. Quando saiu o resultado foi a grande surpresa, não sabia se ria, se chorava, se gritava, se agradecia a Deus, foi uma das melhores sensações que senti na minha vida. Para completar a glória de Deus em mim, ele me colocou num curso que tem tudo a ver comigo, no qual eu me encontrei e me sinto muito feliz. Descobri a área que me apaixonei e que pretendo seguir depois de formada, que é a Educação Especial. Fui abençoada por ter duas professoras maravilhosas que me ajudaram e uma delas me ajuda até hoje no meu desenvolvimento que foram a Profa Dra Sílvia Ester Orrú na qual tive o prazer de trabalhar em um projeto de pesquisa, do REUNI “O Universitário com Necessidades Educacionais Especiais: conquistas, dificuldades e desafios”. A pesquisa teve a duração de um ano, foi muito trabalhosa, porém gratificante. Em seu término foi feito um artigo em que já fui apresentá-lo no Congresso que aconteceu na UFSCAR(Universidade de São Carlos). A outra professora foi a linda Dra Fátima Vidal Rodrigues no qual participei desde o projeto três até o cinco, no Projeto Educação, Autismo e Psicose. Tem sido uma experiência maravilhosa, professora extremamente competente, inteligente, doce, compreensiva, que dá vontade de apertar toda vez que a vejo. O curso é maravilhoso, um campo muito amplo, no qual tive muitas experiências e adquiri conhecimentos. Um lugar onde fiz amizades que levarei sempre na minha vida e vivências que estarão guardadas no meu coração.

Deste modo, esse é o pequeno relato sobre minha vida e meu desenvolvimento acadêmico na UnB, acredito que estou saindo da mesma completamente mudada em relação ao modo no qual vejo as situações rotineiras do dia a dia. Hoje consigo enxergar que todo ato no qual o ser humano pratica exista uma reflexão por trás daquela situação. Hoje, sou mais madura para reconhecer visões que antes eram extremamente incompreensíveis a meu ver. Aprendi muita teoria sem sombra de dúvidas, talvez o que ainda precisa ser mudado no novo currículo de Pedagogia seja o

acréscimo de mais disciplinas práticas, pois só o estágio obrigatório no projeto quatro, não é capaz de dar tanta experiência prática como os graduandos necessitam. Saio da Faculdade de Educação, com outra mente, pois agora mais do que nunca eu sei a verdadeira função de um Pedagogo. Acredito fielmente que apenas um professor sozinho não possa mudar o mundo, mas pode fazer com que vários alunos cresçam com o mínimo de respeito e dignidade, que são condições para que o mundo se torne mais fraterno e solidário.

Não me arrependo por essa escolha. Ser educadora sempre esteve inteiramente presente nas minhas brincadeiras da infância e o curso me fez afirmar que eu tinha inteiramente vocação para seguir essa profissão.

Em alguns momentos do curso fiquei desanimada, principalmente, ao se tratar de matérias inteiramente teóricas, mas não menos importantes, porém quando descobri as matérias de Educando com necessidades Educacionais Especiais, PNE e os demais projetos que a Faculdade de Educação e a Professora Doutora Fátima Lucília Vidal Rodrigues, ofereciam o estímulo em continuar aumentou de forma significativa me dando forças para continuar este curso maravilhoso do qual não me arrependo de ter chegado até o fim. Pretendo me esforçar para ser professora concursada da Secretaria de Educação do Distrito Federal, para assim partilhar e aprender conhecimentos com os meus futuros educandos.

E em um futuro não tão distante pretendo continuar meus estudos, cursando um mestrado e doutorado, ir mais a fundo em minhas pesquisas, já que não basta ser professor, é importante ser um professor-pesquisador também.

PARTE II

**FORMAÇÃO DOCENTE EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA:
UM OLHAR SOBRE O AUTISMO.**

INTRODUÇÃO

As Instituições de ensino no geral, sendo elas escolas, faculdades ou Universidades têm aderido à política da inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas. A partir disso a reflexão acerca da formação do corpo docente e acessibilidade para que esses alunos sejam recebidos de forma digna torna-se condição para que eles se desenvolvam e aprendam para uma vida não somente escolar, mas social.

Este trabalho tem como problema central a necessidade de compreender o mundo pedagógico no qual se insere o aluno com autismo e como está a formação dos professores e o que se tem nomeado educação inclusiva.

Objetivo Geral:

Analisar a formação docente dos professores que trabalham com crianças e adolescentes com autismo numa perspectiva inclusiva.

Objetivos Específicos:

- Compreender o processo da formação de professores que trabalham numa perspectiva inclusiva no contexto histórico das últimas décadas.
- Investigar, a partir de diferentes teóricos, o conceito de autismo e sua contextualização nos dispositivos classificatórios do sujeito.
- Refletir sobre as possibilidades de um trabalho pedagógico que potencialize o aluno com autismo em seu desenvolvimento e aprendizagem escolar e social.

Essas questões se tornam importantes e pertinentes para pensarmos a prática pedagógica com crianças e adolescentes com autismo. A discussão sobre a formação pode problematizar o acesso às diferentes teorias que tratam sobre a intervenção com esses sujeitos, enriquecendo e possibilitando um olhar mais crítico a elas. Os capítulos

que seguem objetivam apresentar o contexto histórico das práticas inclusivas, o conceito de autismo e como se desenvolveu a pesquisa.

CAPÍTULO 1

A AÇÃO DO EDUCADOR EM UMA DIMENSÃO QUE CONSIDERE A PERSPECTIVA INCLUSIVA.

Quem convive em instituições voltadas para a formação de professores, ou em escolas, o tempo todo é alertado sobre a importância da inclusão das pessoas com necessidades educacionais específicas. Mas o que seria uma educação inclusiva? Pensar em uma maneira eficiente de inserir uma pessoa com deficiência no meio institucional em que vivemos de forma a acolher essa pessoa, buscando garantir possibilidades permanentes de aprendizado, respeitando suas diferenças e valorizando suas potencialidades, transformando o ambiente num meio acessível e suficientemente capaz de facilitar, contribuir, proporcionar e influenciar para uma educação inclusiva de qualidade. Mas esta ainda é uma grande luta, pois a realidade com a qual nos deparamos, é de boa parte dos docentes desmotivados e pouco disponíveis para modificar sua prática pedagógica na escola.

1.1 O histórico da Inclusão

No final da década de 70 houve o início do movimento das pessoas com deficiência, até esse momento eles eram poucos reconhecidos. Viviam restritos em suas casas, junto à suas famílias, ou instituições totalmente excludentes como hospícios ou instituições de caráter privado. Não tinham voz, sendo merecedoras apenas de caridade, eram vistos como coitadinhos, que por conta de suas limitações, incapazes de exercer alguma função na sociedade, assim não tinham o direito à cidadania, nem usufruir os poucos direitos conquistados.

Após vários movimentos e lutas para serem reconhecidos e poderem exercer seus direitos, foi construindo-se a história das pessoas com deficiência. No século XIX no ano 1854 houve a criação do Instituto Benjamin Constant, sendo o início do processo da inclusão das pessoas com deficiência visual na sociedade. Nesse período o braille chegava ao Brasil para ajudar essas pessoas, sendo então criado aquele instituto. Esta ação iniciou todo o processo histórico da educação da pessoa cega,

sendo muito importante sua criação. No ano 1857 foi criado o Imperial Instituto do Surdo-Mudo atualmente Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), nesse período não havia nada relacionado à educação de surdos, a população surda ainda era vista como incapaz de aprender e de se desenvolver cognitivamente. Este instituto espelhou-se em experiências de outros países e, por mais que tenha sido importante à época, seu caráter, foi mais uma forma de assistência, fazer por alguém, dar algo a alguém, é como se a pessoa que tem mais poder concedesse pequenos favores àquela que tinha menos poder, era uma prática pedagógica oralista.

No século XX, no ano de 1932 (Pestalozzi) e 1954 (APAEs), houve a criação de instituições voltadas para atender pessoas com deficiência intelectual. Dona Helena Antipoff foi uma das criadoras da Sociedade Pestalozzi no Brasil. Ela fazia discussões sobre o trabalho com crianças com deficiência, estimulação precoce e promovia também reuniões para as pessoas que tinham interesse nessa área. A primeira APAE foi criada a partir de um modelo igual ao dos Estados Unidos, a criação dessa instituição foi feita porque o Estado não assumia a responsabilidade em relação as pessoas com deficiência intelectual.

Em razão do surto de poliomielite (inflamação da substância cinzenta da medula espinhal) no Brasil, surgem na década de 1950 os centros de reabilitação, em que se baseava a crença fisiológica de que a missão do médico não termina quando a doença é vencida, só termina quando o paciente volta a se integrar novamente na sociedade, a trabalhar e a produzir. Nesse período houve um grande desenvolvimento na habilitação, mas sobre o ponto de vista médico, e todo o programa era estabelecido por esses profissionais e nessa época a filosofia era de desaparecimento da deficiência em que ali dentro do centro de reabilitação a pessoa era cuidada, mas ao sair era ela por conta própria.

Na década de 1970 houve um movimento das pessoas com deficiência no qual elas buscavam seus direitos. Esse momento coincidiu com mudanças políticas da época em que o Brasil estava se redemocratizando, saindo do período de ditadura, então foi importante por que ali houve a interação entre vários movimentos, o que possibilitou a essas pessoas se reconhecerem como cidadãos. E a relação entre a luta geral pela democracia e pelos direitos humanos e a atuação das pessoas com

deficiência, participando, deixando a situação de isolamento e apatia e se revoltando contra barreiras de atitude, físicas, barreiras que sempre existiram, violando a constituição e a própria democracia que sempre proclamava a igualdade de todos, modificou algumas punições. No final dessa década, em 1979, teve a criação da Coalização das Pessoas com Deficiência que tinha como objetivo organizar o movimento representativo em nível nacional, pois até aquele momento existiam associações isoladas pelo Brasil que não se comunicavam, então era criar uma estrutura sistêmica para o movimento de luta das pessoas com deficiência. Em 1980 houve o primeiro encontro dos deficientes em Brasília onde puderam ter a igualdade, conhecendo ali as outras deficiências e exigindo seus direitos.

Em 1981 foi o Ano Internacional das Pessoas com Deficiências, foi um momento importante nos acontecimentos e conquistas dessa população que era vista como “os deficientes”, “os incapacitados”, “os inválidos”. Após o decreto da ONU (1981) foi a primeira vez que eles foram chamados de “pessoas com deficiência”, o que a ONU fez com esse decreto era dizer que existia um tema que não estava sendo tratado e que tinha que ser discutido como qualquer outro grande tema social de um país. Esse ano internacional, deu um impulso muito grande na área da deficiência, no qual essas pessoas tiveram direito a voz, escrevendo para presidente, deputados, falando o que a tanto tempo foram impedidos e esquecidos, foi um momento no qual a sociedade foi chamada a prestar atenção nas pessoas com deficiência, mas não com um olhar assistencialista, tiveram que perceber a autonomia dessas pessoas, valorizando-as como atores sociais. Ainda em 1981 e 1983 houve mais dois encontros das pessoas com deficiência.

O movimento das pessoas com autismo no Brasil começou na década de 80 com a formação das associações, a primeira iniciou em 1983, a Associação dos Amigos dos Autistas (AMA). Elas foram criadas porque não existia nada até aquele momento, nem se sabia o que era o autismo, foi a partir de familiares e de clínicas que queriam fazer alguma coisa a respeito disso que se iniciaram as associações.

Entre 1987 e 1988 os políticos estavam redigindo a Constituição Brasileira, houve reuniões, encontros, fóruns, para se chegar um acordo para ver quais seriam as propostas, até por que cada deficiência tem sua especificidade. As pessoas com

deficiência tiveram a vitória e garantiram seus direitos dentro da constituição em diversos capítulos, sendo considerados na questão da educação, do trabalho, saúde e lazer.

De 1986 até 1999, entre esses treze anos foram criados conselhos para organização das lutas pelos direitos das pessoas com deficiência como um todo, mas sem que cada uma esquecesse suas especificidades, os seus problemas e as suas particularidades. O primeiro conselho a ser criado foi a CORDE (Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência) e o segundo o CONADE (Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência), com objetivo de discutir toda a política nacional das pessoas com deficiência. Havia algumas críticas a respeito desses conselhos, fala-se que na teoria eles eram muito bons, mas na prática não eram tão satisfatórios pela questão do governo não assumir esse segmento com prioridade em seu plano de governo, e também por falha do próprio movimento local, não se mostrando contundente levando suas propostas quando o conselho não funcionava. Em 2006 (I) e 2008 (II) ocorreram as Conferências Nacionais das Pessoas com Deficiência, que teve como objetivo garantir e ampliar a participação da sociedade nas decisões governamentais a cerca das pessoas com deficiência.

As conquistas no século XIX foram muitas, onde se firmavam como cidadãos, querendo seus reais direitos e não privilégios e a história das pessoas com deficiência é de falta de oportunidade, o que acaba sendo mais limitante do que a própria deficiência. O conceito de inclusão surge já com uma evolução, uma passagem do chamado modelo médico para o modelo social, sendo que a convenção da ONU foi criada a partir deste último. O modelo médico aqui citado está relacionado a uma visão da pessoa com deficiência como um doente ou limitado, um exemplo é como se um cadeirante estivesse na ponta inferior de uma escada na qual gostaria de ir ao banheiro que fica na ponta superior, então aquela visão médica vai apenas olhar e vai avaliar aquilo como um “coitado” e uma falta de capacidade de não poder subir para fazer suas necessidades fisiológicas. Já na visão do modelo social, ao ver aquele deficiente físico impedido de poder subir e usar o banheiro, a pessoa que estivesse participando dessa cena ficaria revoltada e se questionaria com o absurdo, como podem colocar aquela escada e não pensar na dificuldade da pessoa com deficiência, porque não

colocaram uma rampa, elevador ou um banheiro no térreo que fosse mais acessível. E quando se fala de acessibilidade, não está relacionada apenas a infra-estrutura, mas também à acessibilidade à educação, à língua ou comunicação, saúde, trabalho, lazer, isso tudo ainda não é reconhecido plenamente, as barreiras que existem não são só arquitetônicas, mas atitudinais também, como as discriminações e os preconceitos. A questão da deficiência está muito relacionada ao meio, se nós tivermos um ambiente acessível e universal, no âmbito total das deficiências, suficientemente capaz para todo e qualquer cidadão, isso facilitaria bastante as limitações de cada pessoa que em determinadas situações tenderiam ao zero. Mas agora, se esse meio não for inclusivo no sentido de não tirar essas barreiras e obstáculos, sem mudanças de atitudes, aquela dificuldade vai ganhar uma ênfase muito maior, fazendo com que aquela pessoa não consiga desempenhar suas funções da forma como poderia e se sentir humilhada e incapaz.

Com todos esses movimentos, buscas, lutas, dificuldades, houve grandes mudanças na forma como a sociedade vê as pessoas com deficiência, mas infelizmente ainda existe o preconceito, as pessoas com deficiência, em alguns momentos, ainda são invisíveis, fazendo parte dos etcéteras.

1.2 As Políticas Públicas de Formação Inclusiva

A educação é de todos e todas, sendo assegurado a qualquer cidadão o direito de estar na escola independente de sua deficiência e limitação. Em muitas escolas é o aluno que tem que se adequar ao currículo ao invés do professor ter estratégias de ensino que se adequem a ele, potencializando suas capacidades. Como o direito do aluno com deficiência é de estar inserido em todo o espaço da educação formal, que vai da educação básica até o ensino superior, ou seja, é direito deste aluno chegar à escola e contar com o apoio necessário para seu bom desempenho em todo ambiente institucional e ser educado, preparado e formado por profissionais qualificados, precisamos para que isso ocorra de fato, novas posturas, novas estratégias de apoio, ensino e aprendizagem.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva da educação tem como objetivo:

[...] assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para os atendimentos educacionais especializados e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (BRASIL, 2008, 14)

A educação inclusiva de qualidade está em sua maior parte relacionada ao trabalho dos professores com os alunos, de modo que estes possam trabalhar com o todo, respeitando as particularidades de cada um, proporcionando estratégias pedagógicas satisfatórias para o processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos, evitando a segregação e influenciando a inclusão.

Uma política de formação de professores é um dos pilares para a construção da inclusão escolar, pois a mudança requer um potencial instalado, em termos de recursos humanos, em condições de trabalho para que possa ser posta em prática. (MENDES, 2004, p. 227)

A inclusão em alguns casos pode ser interpretada de outra forma, e assim sendo desenvolvida e praticada de maneira que venha a segregar ou integrar o aluno com necessidades educacionais específicas dentro da turma, não vivendo a verdadeira inclusão e sim a própria deficiência do educando. Pensar em inclusão é desenvolver a capacidade de entender e de reconhecer o outro e assumir o privilégio de conviver e compartilhar as diferenças. A escola inclusiva acolhe todas as pessoas. (MANTOAN, 2005, p.25). A integração é um modelo segundo o qual pessoas com deficiência, uma vez reabilitadas, alcançam aquele padrão de encaixe na sociedade como ela sempre existiu. O modelo de inclusão é inverso, ou seja, não é pra encaixar a pessoa na sociedade, não é para mudar uma pessoa para encaixá-la naquela sociedade que não mudou. Inclusão é mudar a sociedade, tirar todas as barreiras e obstáculos, mudar atitudes, mudar sistemas, para que qualquer pessoa tendo deficiência ou não ou qualquer tipo de deficiência, possa fazer parte da sociedade sem ter que provar nada.

[...] a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que tem comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até mesmo na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já a inclusão é estar com, é interagir com o outro (MANTOAN, 2005, p. 24).

A inclusão não é apenas matricular o aluno na rede regular de ensino, mas proporcionar a este aluno uma educação de qualidade, despertando em toda a turma uma consciência social de respeito à diversidade e nas diversas características existente no próximo, promovendo a oportunidade de ambos aprenderem saberes diferentes, despertando também um olhar sensível que perceba que o aluno com deficiência tem a liberdade de ser e existir como cidadão.

Se consultarmos o dicionário, verificamos que a palavra incluir significa compreender, abranger, fazer parte, pertencer, processo que pressupõe, necessariamente e antes de tudo, uma grande dose de respeito. A inclusão só é possível lá onde houver respeito à diferença e, conseqüentemente, a adoção de práticas pedagógicas que permitam às pessoas com deficiências aprender e ter reconhecidos e valorizados os conhecimentos que são capazes de produzir, segundo seu ritmo e na medida de suas possibilidades. Qualquer procedimento, pedagógico ou legal, que não tenha como pressuposto o respeito à diferença e a valorização de todas as possibilidades da pessoa deficiente não é inclusão (SARTORETTO, 2008, p.77-78).

Após tantas lutas pelos direitos e deveres das pessoas com deficiência, nas décadas anteriores houve grandes avanços em relação às políticas de inclusão, nos últimos 15 anos, o aumento de matrículas de alunos com deficiências em escolas de ensino regular foi 1000% (FNDE/MEC, 2010). A partir da notícia de revogação do Decreto 6.571/08, que trouxe avanços positivos para o Decreto 7.611/11, surgiram muitas confusões a respeito da inclusão. No texto do 6.571/08, que discorre sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), introduzindo o dispositivo do duplo repasse de verba no âmbito do Fundeb, fala também do Atendimento Educacional Especializado (AEE) como um conjunto de atividades, recursos pedagógicos e de acessibilidade prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino

regular. O AEE poderia ser oferecido pelos sistemas públicos de ensino ou pelas instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, com atuação exclusiva na educação especial, conveniadas com o poder público. O confuso Decreto 7.611/11 traz em seu artigo 4º que o poder público estimulará o acesso ao AEE de forma complementar ou suplementar ao ensino regular, assegurando a dupla matrícula, o parágrafo 1º do artigo 14 diz que serão consideradas, para a educação especial, tanto as matrículas na rede regular de ensino como nas escolas especiais ou especializadas.

O Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020) completa o Decreto 7.611/11 trazendo mais algumas imprecisões na meta 4, onde diz:

Universalizar, para a população de quatro a 17 anos, o atendimento escolar aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, preferencialmente, na rede regular de ensino, garantindo o atendimento educacional especializado em classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou comunitários sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível sua integração nas classes comuns.

Esses dois textos mostram que o atendimento educacional especializado seja reconhecido como escola, é bem confuso porque ao mesmo tempo em que traz a idéia de inclusão, favorecendo aos alunos com deficiência, ele também coloca o espaço para a exclusão, onde prioriza o AEE como única forma de educação formal. As escolas especiais têm sim a sua importância para dar um atendimento especializado, uma ajuda para aquele aluno que precisa desenvolver determinadas funções, é uma forma de ajudar o aluno em seu desenvolvimento, mas não a única forma de educação. A inclusão deve ser trabalhada preparando o aluno para o meio pedagógico e social. Segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), em seu art. 1º.

[...] a deficiência é um conceito em evolução e resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

1.3 A Perspectiva inclusiva na Formação do Professor

Um das dificuldades do professor diante a educação inclusiva é em não aceitar trabalhar com a diferença, pensando no sujeito com necessidades específicas com poucas possibilidades de aprender e se desenvolver, como um sujeito que precisa de uma educação do modelo clínico, ou seja, aquele aluno visto como um doente ou limitado, portanto esse não é o papel do professor. Precisa haver a compreensão de que todos os alunos são diferentes e que a sala de aula é feita por múltiplos sujeitos, cada um com sua história de vida, sua trajetória, com seu modelo de desenvolvimento e com isso o professor percebe que a sua intervenção é muito importante e fundamental para o desenvolvimento daquela criança, não só de forma cognitiva, mas também emocional e social, o professor deve reconhecer o aluno como o sujeito de sua história e ator social, reconhecendo também a singularidade de cada um, para que a partir disso ele possa olhar para cada aluno de maneira que potencialize suas capacidades, trabalhando de diversas formas, com criatividade, percebendo o que o aluno precisa naquele momento para que possa avançar a partir daquele determinado conhecimento ou situação, ao invés de ter um modelo único de ensino e aprendizagem no qual a criança precise se moldar a ele.

[...] quando alcançarmos a possibilidade de uma educação que garanta uma planificação de estudos individual e coletiva mais humana, ampla e solidária, uma gestão verdadeiramente democrática, na qual todos os segmentos são ouvidos, e autonomia institucional, só então teremos alcançado a possibilidade de todos serem sujeitos na escola” (RODRIGUES, 2012, p. 70).

A escola que se preocupa com seu aluno no real sentido é aquela que o inclui de modo que aquele aluno seja visto como um sujeito de aprendizado, capaz de se desenvolver, e não como um aluno com deficiência olhando apenas para sua limitação, separando-o dos outros ditos normais. A escola deve ser um lugar acolhedor, um local de socialização, aprendizagem e de possibilidade para a autonomia de seus educandos.

A inclusão escolar é vista como a melhor alternativa para os alunos segregados da escola regular, já que ela: “representa um passo muito concreto e manejável que pode ser dado em nossos sistemas escolares para assegurar que todos os estudantes comecem a aprender que pertencer é um direito e não um status privilegiado que deva ser conquistado. (SASSAKI, 1997, p.18)

Dentre os pontos importantes que o educador deve desenvolver em sua formação/ forma de ação diante seus alunos é a escuta. Cada sujeito possui sua maneira de ver o mundo e não há algo pronto que o professor deve passar em sala de aula sem levar em conta a visão e interpretação de mundo de cada aluno, a escuta deve ser algo vivido diariamente onde o professor não deve fazer julgamentos prévios e sim conhecer a singularidade do educando e a partir disso fazer bordas que desenvolvam as variações da formação psíquica do sujeito. Quando o professor escuta seu aluno dá a oportunidade para ele se expressar sem ficar inibido ou com medo, assim ele se sente mais confiante o que contribui muito para o desenvolvimento da linguagem. “A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto, aderir as opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado” (BARBIER *apud* RODRIGUES, 2012, p. 72).

O aprendizado só tem sentido se houver um significado, este se inicia através da ação e mediação do professor com seu aluno. É importante que o educador considere tudo aquilo que faz sentido no mundo do educando, o aluno com deficiência tem diferentes especificidades e cada um se sente motivado por coisas diferentes, cabe uma mediação compreensível que se atente ao desejo do sujeito, o que pode desencadear grandes aprendizados.

[...]reconhecer a particularidade constitucional do educando, de inferir, a partir de pequenos indícios o que está se passando na mente imatura daquele, de dar – lhe a quantidade exata de amor, e ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade.” (FREUD, 1932[1975^a], p. 183)

Numa verdadeira dimensão profissional o professor tem que fazer e refazer o conhecimento conforme a precisão da situação envolvida em sala de aula em sua prática e experiência, buscando a reflexão de suas ações. Numa perspectiva inclusiva na formação do professor, O’Brien e O’Brien (1999) diz o seguinte, a prática reflexiva ajuda o professor a desenvolver novas habilidades e a lidar melhor com as dificuldades de seu dia-a-dia[...]. Orrú ainda afirma que:

Assim, o educador aprende a refletir-na-ação a partir do instante em que começa a fazê-lo. Essa atitude permitir-lhe á perceber, organizar, transformar e reestruturar suas ações quer sejam a nível intencional, estratégico ou hipotético. Então, sim, obter-se-á uma educação

diferente, não por imposição ou por modismo, mas apoiada na prática reflexiva de seus professores.(ORRÚ, p. 8).

O educador deve despertar o desejo da criança em aprender ou conquistar algo, de formas criativas, inovadoras, facilitadoras e produtivas deixando com que o aluno pergunte, desfrute daquele momento de aprendizado, construindo o conhecimento juntos, trabalhando para o bem comum do educando lhe proporcionando uma melhor qualidade de vida. Muitos professores se preparam para trabalhar com a deficiência de cada aluno e acabam esquecendo que por trás daquele determinado diagnóstico existe uma pessoa muito capaz e com grandes potencialidades, que possui suas singularidades e deve ser motivado, estimulado e desafiado a aprender a cada dia. Nossos pequenos são alunos também, não deve formar o professor para trabalhar com os alunos com deficiência e os alunos sem deficiência mais sim formar para a diversidade. “Os pressupostos de uma educação para todos, que incluem acessibilidade, permanência e aprendizagem, permitem armar possibilidades e condições para que possamos, na docência, atender a especificidade desses sujeitos nalinguagem” (RODRIGUES, 2012, p. 78)

Uma perspectiva inclusiva está verdadeiramente relacionada à forma como a escola recebe e acolhe o seu aluno respeitando a condição de suas singularidades, bem como ao preparo da prática docente esteja sempre passando por uma reflexão de suas ações, o que gera estratégias pedagógicas. Entendermos que a intervenção com o educando é essencial e que deve caminhar junto com o outro, dando sentido ao que a criança considera, dando significado a todo o movimento, abrindo sempre espaço para o descobrimento e conhecimento, emprestando a palavra, o sentido, reconhecendo e potencializando toda e qualquer capacidade, valorizando o momento pedagógico com seu aluno ao invés de um modelo único de intervenção que seja sempre repetido sem nenhuma reflexão e sem que o professor se veja como um aprendiz diante a sala de aula, segundo a fala de John Dewey, “quando se afirma que um professor tem dez anos de experiência, dá pra dizer que ele tem dez de experiência ou que ele tem um ano de experiência repetido dez vezes”. (Dewey *apud* RODRIGUES, 2012, p. 76). Cabe a todos nós evitarmos que isso ocorra.

Independente da deficiência, da característica física, posição na linguagem, sensibilidade que a criança esteja, o professor deve estar junto a ela, trabalhando para que a mesma se sinta pertencente ao grupo, construindo um espaço no qual todas as crianças possam aprender juntas. Viver a diferença do aluno mostra uma formação comprometida e diversificada com a instituição, com seu dever e com o aluno.

CAPÍTULO 2

UM OLHAR SOBRE O AUTISMO

O Autismo é uma palavra carregada de significados, carregada de medo, dúvida e ideias errôneas por aqueles que não convivem com sujeitos com esse diagnóstico, assim como frustrações por parte daqueles que a conhecem pela primeira vez.

As crianças diagnosticadas com autismo são simplesmente crianças. As margens populares sobre o que é o autismo, os estereótipos que vemos em filmes e na TV é apenas uma pequena parte desses sujeitos que são frutos de um processo cuja evolução se deu por si mesmo. Essas crianças geralmente expressam aparência comum a outras crianças, mas comportam-se de maneira diferente, podendo por muitas vezes desenvolver habilidades impressionantes em algumas áreas, já outras bem comprometidas, tendo dificuldades de socialização, comunicação e imaginação.

Essas três características, quando encontradas juntas são caracterizadas como autismo. Essas crianças são mais egocêntricas, não sentindo interesse em se relacionar com o próximo, buscando estarem sozinhas fazendo suas coisas, tendo a dificuldade de interagir, sem saber como estabelecer uma relação amigável com outras pessoas. A comunicação também é algo delicado nas crianças com autismo, muitas delas não conseguem desenvolver a comunicação verbal. O problema não se encontra na incapacidade de pronunciar as palavras ou aprender a construir sentenças, mas nos aspectos semânticos da linguagem como compreender os significados das palavras e nos aspectos pragmáticos como o seu uso social. A imaginação também é afetada, pois as crianças com autismo têm grande dificuldade em trabalhar com o abstrato, seus pensamentos são concretos transformando as imagens em objetos mentais, conceitos abstratos como saudade, raiva, amor, intenções, metáforas, ironias, são de difícil entendimento para essas crianças.

A palavra autismo é só um rótulo. O autismo está à nossa volta, pode ser o vizinho que é meio calado, crianças que parecem não fazer nada do que lhe mandam. É um tipo de transtorno que afeta o cérebro e o psiquismo em desenvolvimento.

É de extrema importância a intervenção educacional na vida da criança autista, pois é tratável, por mais que não tenha cura, há crianças com grandes progressos em

seu desenvolvimento apontando, muitas melhoras, amenizando e superando algumas das características apresentadas.

2.1 O Autismo a partir dos manuais de Classificação

A Classificação Internacional de Diagnóstico (CID), também é utilizada para a classificação do diagnóstico autístico e em sua décima revisão (CID 10)¹, que foi realizada no ano de 2000, o autismo e a psicose infantil foram denominados de Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), que o campo médico atribuiu às crianças que tenham dificuldades em relacionar-se com seus pares. O que dificulta o processo diagnóstico. A criança com TGD, não tem uma constituição psíquica que possibilite uma organização capaz de que se dê conta de quem ela é, vivendo a experiência psíquica do afastamento, a medida que se não existe “eu” não tem construção de alteridade, não tem outro, causando assim dificuldades na interação social e comunicação.

[...]os Transtornos Globais do Desenvolvimento foram classificados como um grupo de alterações, caracterizadas por alterações qualitativas da interação social e modalidades de comunicação, por um repertório de interesses e atividades restrito e estereotipado. Essas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do indivíduo.(TAMANHA, PERISSINOTO E CHIARI, 2008).

Quando uma criança é diagnosticada como autista, seu comportamento é comparado aos critérios do DSM (Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais), se o comportamento estiver dentro dos pontos especificados dentro do texto, então pode se afirmar que a mesma tem o “Transtorno do Espectro Autista² (TE³A)”.

¹A Classificação Internacional de Diagnóstico (CID 10) é utilizada para caracterizar crianças com autismo no grupo do TDG, porém essa é uma classificação mais média e a que é, atualmente, mais utilizada é o DSM V (Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais). Algumas escolas ainda utilizam a nomenclatura de TGD para trabalharem com as crianças em estruturação autística.

²A expressão “Transtorno do espectro Autista (TEA) é sinônimo da expressão “Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD).

³Espectro é uma gama de comportamento determinado em vários graus e maneiras.

A partir da nova revisão do DSM que foi realizada em maio de 2013, constituiu a edição V, foram feitas algumas modificações e para que haja o diagnóstico, o sujeito tem que apresentar os sintomas desde pequeno e suas habilidades em função de sua vida e no cotidiano sejam comprometidas. Após as modificações houve algumas críticas a respeito delas, por inserir todos na categoria de “Transtorno⁴”, com isso eliminar as categorias de autismo, transtorno desintegrativo, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação e síndrome de Asperger. Agora todos se tornaram “Transtorno do Espectro Autista”, dividido somente em níveis leves, moderados e severos. Para a confirmação desse transtorno a criança deve ter os seguintes aspectos (DSM V):

- *Problema de comunicação não – verbal:* está relacionada a capacidade do contato com o outro, através do olhar, gestos, postura, ausência do sorriso social, expressões faciais, tom de voz, onde no sujeito essa interação é mínima e também ele não consegue perceber ou entender a interação da outra pessoa, então se o aluno faz determinada ação que para o professor não é correta e ele faz uma cara de bravo, é muito provável que a ação continuará sendo executada, pois tal expressão não é entendida pelo o aluno.
- *Graves problemas para manter relações:* este aspecto está relacionado à interação social das crianças com outras pessoas, nela não há o interesse do contato com o outro, possui dificuldade de brincar e desenvolver trabalhos com outras crianças tornam se egocêntricas valorizando sua própria companhia.
- *Problemas de interação social ou emocional alternativo:* a criança tem dificuldade de estabelecer uma determinada sequência na conversa, ora ela está ali atenta, mas de repente não consegue mais manter essa relação. Outro ponto é a dificuldade de iniciar a interação, normalmente o sujeito fica mais reservado sendo por muitas vezes resistente ao contato do outro e também sem esse interesse ou nem mesmo a falta de interesse como também certa barreira a esse encontro. O autista tem problemas com a atenção e as emoções

⁴A criança autista é classificada com um “transtorno”, segundo Calazans e Martins(2007) etimologicamente, transtorno significa tanto situação imprevista e desfavorável como situação que causa incômodo para alguém. (CALAZANS E MARTINS *apud* RODRIGUES, 2012, p. 70).

compartilhadas, no momento em que o professor está fazendo o trabalho conjunto com a turma, há uma grande resistência deste para aceitar a interação com o grupo.

Dentre os próximos aspectos o sujeito tem que apresentar no mínimo dois, são eles (DSM V):

- *Dificuldade em integrar informação sensorial ou forte procura ou evitar comportamentos de estímulos sensoriais:* tem muitas crianças autistas que não procuram esses estímulos sensoriais tanto com o corpo quanto com o objeto, como exemplo de tirar sua própria roupa, subir, rodar, organizar, empilhar, gritar, jogar objetos no chão, enfim, isso é importante pois quando o sistema sensorial está organizado isso facilita o aprendizado da criança.
- *Falas ou movimentos repetitivos:* essa é uma característica presente em vários autistas, a questão de estarem fazendo vários movimentos estereotipados e também a repetição de frases ou palavras que ouviu.
- *Interesses intensos e restritivos*
- *Apego extremo a rotinas e padrões e resistência a mudanças nas rotinas:* Os sujeitos com autismo precisam de uma rotina para que possam se organizar e ficarem mais calmos, com a ajuda do educador ele conhece quais serão as atividades do dia e a partir disso conseguem se situar naquele ambiente, quando há a mudança dessa rotina, isso traz uma bagunça na cabeçinha da criança, ela fica muito agitada e bem resistente a aceitar as novas atividades.

De acordo com o DSM V, é mais fácil que as pessoas com Transtorno do Espectro Autista sejam direcionadas conforme com esses comportamentos típicos do que terem rótulos diferenciados, tornando-se melhor para re/definir o diagnóstico, porém o médico não precisa mais situar a particularidade da subcategoria diagnóstica na qual a criança pode se classificar, e os tratamentos são iguais para todos, o que leva ao aumento do diagnóstico de autismo.

O desaparecimento das categorias não faz desaparecer a patologia, podendo aumentar o erro diagnóstico. Outro ponto importante é que manifestações de alguns sintomas na criança podem indicar somente perturbações na comunicação e se tratado logo pode desaparecer, mas se essas mesmas manifestações estiverem descritas nos

manuais isso trará o diagnóstico de autismo para essa criança, marcando o destino do pequeno. Observa-se, então, que o diagnóstico formulado pode causar grandes consequências.

Trata – se de uma rede de controle que visa enredar o singular, mas o singular é o que por definição não pode ser aprendido. Poderíamos dizer que essa busca do DSM é a do Sísifo contemporâneo: cada vez que busca aprender o singular, esse singular foge, rola e atropela os que visam determiná-lo cada vez mais. Daí o aumento considerável de transtornos que cada edição desse manual apresenta. (CALAZANS E MARTINS, 2007, p. 145.)

O diagnóstico é importante para a escola, pois através dele o governo fornece os recursos necessários para este aluno, mas não deve a escola trabalhar em cima do diagnóstico, pois cada criança por mais que tenha a mesma classificação do espectro autista possui características muito variadas, cada uma com sua particularidade. Não dá para intervir da mesma forma com todos os alunos, o mais importante é levar em conta a singularidade do desejo e a condição de sujeito falante, apostando na sua precisão para além de qualquer diagnóstico, que essas crianças estejam junto ao outro, se desenvolvendo e estando sempre na posição de aprendizagem.

Em dezembro de 2012 houve uma importante conquista para as pessoas com autismo, o movimento para a criação de uma lei que garantisse seus direitos surgiu a partir da luta da mãe de uma criança autista. Nos primeiros anos de vida desta, foi notado pela família que possuía algumas características diferentes e por ser leiga no assunto a mãe ficou assustada, mas logo correu atrás de ajuda, mobilizando a população de sua região que tinha ou não pessoas com autismo e suas famílias e através de grandes lutas veio a conquista. No dia 27 dezembro de 2012 foi sancionada a Lei nº 12.764, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, ela vale para serviços de saúde, educação, nutrição, moradia, mercado de trabalho e assistência social.

Com essa lei o autista passa a ser considerado como uma pessoa com deficiência para todos os efeitos legais, segundo o artigo 1º da lei, autista é a pessoa portadora de síndrome clínica caracterizada por:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência

de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II – padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (2012, p. 1).

De acordo com a lei, o objetivo de considerar o autista como pessoa com deficiência é fazer com que ele não seja mais vítima da segregação social, sendo incluído na sociedade.

A pessoa com o Transtorno do Espectro autista terá acesso ao atendimento multiprofissional na área de saúde, como o neurologista, psiquiatra, fonoaudiólogo, enfim todas as áreas de saúde que forem necessárias a essas pessoas, o que é muito importante, pois ajuda em seu desenvolvimento, e muitas famílias não têm condições de arcar com esses profissionais, e com a Lei isso se tornou uma garantia.

(Art. 3º, incisos III e VI) - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; b) o atendimento multiprofissional; c) a nutrição adequada e a terapia nutricional; d) os medicamentos; e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento; IV - o acesso: a) à educação e ao ensino profissionalizante; b) à moradia, inclusive à residência protegida; c) ao mercado de trabalho; d) à previdência social e à assistência social.

Com o direito à educação, nenhum gestor de escola poderá discriminar e recusar a matrícula das pessoas com autismo, podendo haver punição se a lei não for respeitada. A lei afirma também que "em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular (...) terá direito a acompanhante especializado." Ainda na lei haverá "o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como os pais e responsáveis." (Art. 2º, inciso VII). Este último ponto é extremamente necessário, pois não adianta garantir a educação se não tem docentes preparados para educar essas crianças, deve sim haver capacitação havendo uma melhor intervenção educacional, para que essas crianças tenham o acesso de maneira que influencie de forma positiva no seu desenvolvimento e crescimento pessoal e social. O incentivo aos pais e responsáveis é essencial, tem que haver um trabalho conjunto, porque não adianta o professor construir todo um trabalho

dentro da escola se quando a criança chega em casa é tudo desconstruído pela própria família. Conhecer, cuidar, estar perto, sensibilizar-se e querer ajudar é a melhor forma de fazer com que o sujeito com autismo sintá-se incluído na sociedade em que vive, porque ele é um ser humano dotado de inúmeras potencialidades e habilidades a serem desenvolvidas.

A lei nº 12.764 é muito importante para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, pois irá garantir o acesso e também facilitará o atendimento e a descoberta do diagnóstico precocemente o que irá trazer mais possibilidades da criança ser acompanhada por profissionais que ajudem em seu desenvolvimento e aprendizagem, proporcionando uma maior qualidade de vida a esses sujeitos, quanto mais cedo, maiores são as conquistas. Ela é importante também à família que na maioria das vezes não sabe como lidar com seus filhos e terão todo o apoio da lei.

2.2 O conceito de Autismo

O autismo foi descrito pela primeira vez cientificamente, pelo psiquiatra infantil austríaco Leo Kanner, em 1943 em seu artigo “Distúrbios autísticos de contato afetivo”, ele acompanhou 11 crianças, e nessas observações foi possível elencar características comuns essenciais. “A maioria dessas crianças foram trazidas primeiramente com a suposição de que eram intensamente débeis mentais ou com um ponto de interrogação acerca de um possível comprometimento auditivo”, descreve Kanner 1951, p. 45 e ainda diz que:

O fator comum em todos estes pacientes é uma incapacidade para se relacionar de maneira habitual com as pessoas e as situações, começando esta dificuldade a partir do início de suas vidas [...]. As histórias dos casos indicam invariavelmente a presença, desde o início, de uma solidão autística extrema, e que, sempre que possível, se fecha a tudo o que chega a criança do exterior. (KANNER, 1951, p. 768 e 769).

Kanner apresentou o autismo como um distúrbio do desenvolvimento⁵ caracterizado por incapacidade para estabelecer relações com pessoas, um amplo conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e insistência obsessiva em manter o ambiente sem mudança, acompanhada da tendência a repetir uma gama de atitudes ritualizadas.

O autismo é quatro vezes mais comum em homens do que em mulheres e é comum aparecer nos três primeiros anos de vida. De acordo com o autor Lorna Wing, os autistas manifestam uma tríade em seu desenvolvimento, que são prejudicadas e o caracteriza como pessoa com Transtorno do Espectro Autista, sendo elas a área social, a da linguagem e comunicação. Porém, para que haja uma intervenção é preciso entender que essa “tríade” não é separada, ela se influencia diretamente só com intensidades e graus variados.

[...] A conclusão que emerge dessa reflexão é que existe um comprometimento precoce que afeta o desenvolvimento como um processo e, conseqüentemente, a personalidade (por meio da interação entre o self e as experiências como o ambiente, que possibilita o desenvolvimento das noções de si, do outro e do mundo ao seu redor), seja a síndrome do autismo classificada como psicose ou como transtorno de desenvolvimento. Na verdade, existe a falta de um modelo teórico suficientemente abrangente para dar conta das diferenças entre duas formas de classificação. [...] O que vale a pena ressaltar é que seja qual for o sistema de classificação ou a abordagem teórica adotada, a noção de que crianças com autismo apresentam déficits no relacionamento interpessoal, na linguagem / comunicação, na capacidade simbólica e, ainda, comportamento estereotipado (atentando-se para as diferenças individuais), não tem sido desafiada. (BAPTISTA E BOSA, 2002, p.30)

Na mediação com crianças autistas, não se deve considerar suas características em específico, tratando somente os sintomas, pois a partir disso pode fazer com que ela seja excluída, devendo compreendê-la em sua essência global, buscando estratégias para superar as dificuldades encontradas e trabalhando para que ela possa se sentir participante e atuante na sociedade.

⁵ Se entendermos como “desenvolvimento” o conjunto das aquisições que definem e organizam a relação de um ser humano com o mundo em que vive, certamente o autismo é um problema de desenvolvimento. (JERUSALINSKY, 2002)

A aposta num sujeito é fundamental no tratamento do autismo. Não porque efetivamente já houvesse um sujeito aí (onde os automatismo neurobiológicos prevalecem), mas, porque – como a demonstra a evolução favorável de numerosos casos – existe a possibilidade de constituir um sujeito. (JERUSALINSKY *apud* JERUSALINSKY, 2002, p. 30).

O professor que trabalha com crianças com autismo deve refletir e atentar para alguns pontos importantes. Dentre eles a sensibilidade, o educador tem que olhar com cuidado e atenção, por mais que os alunos possuam o mesmo “transtorno”, não necessariamente as dificuldades serão as mesmas, ainda mais que as características divergem muito entre eles, logo o professor tem que sentir e reconhecer o que é diferente e valorizar as possibilidades e habilidades que nela se encontram e que possam se desenvolver. Além da sensibilidade é preciso ter atenção persistente. A criança com autismo como citado, não tem muito interesse nas coisas que estão ao redor dela, por causa disso o professor não deve deixar de lado a atenção acerca de seus movimentos e atitudes, pois se forem notados poderão favorecer o acesso da criança. Segundo Baptista e Bossa, (2002, p. 32) “muitas vezes ausência de respostas das crianças deve-se a falta de compreensão do que esta sendo exigido e não de uma atitude de isolamento e recusa proposital...”.

A paciência também é algo muito importante, o aluno com autismo não consegue absorver muitas informações, logo o educador deve ter calma e ir estimulando aos poucos, sabendo se posicionar no momento certo. Trabalhar também com a serenidade para que possa construir um laço com o aluno de confiança em que proporcione um ambiente de sala de aula tranquilo, pois os alunos terão realidades muito diferentes e o professor deve estar preparado para lidar com todas elas, e seus alunos também precisam se sentir bem. As crianças possuem habilidades e possibilidades próprias apesar de terem características comuns, então suas peculiaridades, movimentos, fraquezas, resistências deve a necessidade de implicação do professor para que essas sejam percebidas, sendo mais um dos pontos importantes em que o educador deve se atentar. A segurança que o professor apresenta diante dos alunos é também necessária mesmo que seu aluno aparentemente se mostre desorganizado.

O educador tem que estar atento às coisas que estão a todo tempo acontecendo no ambiente escolar. Estes são alguns dos pontos que o professor deve se atentar, para que a relação com seu aluno e desenvolvimento do mesmo seja harmonioso, capaz de acarretar mudanças positivas.

O psicanalista Alfredo Jerusalinsky relata o seguinte:

Se bem é verdade que é difícil sustentar a proposição de que “o autista se exclui”, precisamente porque o se implicaria um sujeito num caso em que fica evidente sua ausência, sustentar essa preposição vai na direção de um primeiro movimento numa tentativa de cura: supor um sujeito precisamente, aí onde não há tal[...] (JERUSALINSKY, 2002, p.65)

É muito importante que o Educador perceba a todo o instante que apesar daquele pequeno ter certas limitações e dificuldades ele antes de ser autista ele é um ser humano dotado de inúmeras capacidades, é exatamente esse o ponto da exclusão, várias falas estão relacionadas que “o autista vive reservado no mundo dele” ou “por terem dificuldades de interação, da linguagem e da comunicação, os autistas se fecham em seu universo”, pois a partir do momento que o olhar esta focado no autismo a visão notada é das coisas que aquela criança “não” consegue fazer, então precisamos desvincular desses pré/conceitos incluindo verdadeiramente a criança no “nosso” mundo que “é” o mundo dela também ao invés de enxergá-las “em seu mundo”.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Uma vez que entendemos ensino-aprendizagem de forma integrada, cremos que a função do professor não é só no processo de ensino, mas principalmente no progresso da aprendizagem do aluno. Essa pesquisa tem o intuito de explorar o atual âmbito educacional, acerca da formação/ forma de ação do professor em uma perspectiva inclusiva diante do aluno autista e para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa que tem o objetivo de analisar, fundamentar, esclarecer e Trivinhos (1997) diz que: “[...] Esta é uma idéia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo.”

Visto que se trata de conceitos elaborados sobre a análise de interações didáticas ou muito controladas dentro e fora do contexto escolar (fundamentalmente fora), parece necessário um trabalho de pesquisa no contexto natural da sala de aula que ponha à prova, confirme e amplie ou redefina a utilidade de tais significados para a explicação dos processos de construção de conhecimentos.(CUBERO E LUQUE, 2002, p.102)

O interesse pelo contexto da pesquisa surgiu em dois momentos diferentes, o primeiro foi através de um trabalho desenvolvido dentro da Universidade de Brasília que tinha como objeto de estudo a compreensão da formação e capacitação do corpo docente diante dos universitários com necessidades educacionais especiais e o segundo momento foi através do estágio desenvolvido durante o ano de 2012 em uma escola pública de Brasília com alunos com Transtorno do Espectro Autista.

3.1 Contexto empírico do estudo

A pesquisa foi realizada em uma Escola da Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal, localizada na Asa Sul. A escola atende mais de 300 alunos que estão entre o 1º e o 5º ano do Ensino Fundamental em turmas regulares, integradoras e inclusivas, também é oferecido atendimentos em classes especiais.

A escola tem 10(dez) classes de ensino especial para alunos com autismo, atendendo um total de 20(vinte) alunos. Além disso, tem mais 5(cinco) alunos com

autismo na inclusão escolar e 6(seis) com outras deficiências como: deficiência intelectual, física, auditiva e alunos com transtornos de aprendizagem como: Desordem do Processo Auditivo central (DPAC), Transtorno do Déficit de Atenção com e sem hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositor Desafiante (TOD).

Nas classes de ensino especial, a proporção de professor para alunos é de um para dois e dependendo do grau da deficiência, a proporção é de um pra um.

São nove classes inclusivas de ensino regular, anos iniciais, do ensino fundamental do 1º ao 5º ano.

A escola possui professoras regentes, monitoras e professora da sala de leitura, conta também com a equipe de direção, duas coordenadoras pedagógicas e orientadora educacional.

Em sua estrutura além das dez salas de aula tem também a sala de leitura e o cantinho da leitura que fica no pátio com o objetivo de incentivo a leitura. Tem também uma sala de recursos que no momento está sem professor e a sala de informática na qual cada turma tem o seu horário para utilizar, alguns alunos da classe especial também utilizam junto com outra turma regular promovendo a inclusão. Também acontecem recreios artísticos onde abordam diversos temas e trazem pessoas de fora para ministrar palestras, fazer brincadeiras, experiências, leituras, enfim, são momentos que os alunos participam bastante e são todas as classe da escola juntas.

Em seu projeto político pedagógico a escola traz a seguinte missão: “propiciar uma aprendizagem de qualidade, buscando a participação da comunidade escolar de maneira a contribuir efetivamente para a formação integral dos alunos, por meio de ações construtivas e transformadoras do meio ambiente.”

3.2 Os sujeitos da pesquisa

Durante todo o ano de 2012, foram desenvolvidas observações, atividades e intervenções no estágio supervisionado, nesse período houve o convívio social com as professoras dos alunos autistas o que facilitou o desenvolvimento dessa pesquisa.

O presente estudo foi realizado com 7(sete) professoras voluntárias, foi desenvolvido na própria escola no horário oposto às aulas em comum acordo das partes.

Os sujeitos das entrevistas foram todos do sexo feminino e dos dois turnos de aula, sendo que todas têm formação em pedagogia e suas idades variam entre 43 à 53 anos. Uma professora está no magistério há 15 anos, quatro professores possuem entre 23 e 25 anos de magistério, uma professora tem 28 anos de magistério e uma com 30 anos.

A maioria das professoras trabalham com crianças autistas em uma faixa de dez à quinze anos, apenas duas trabalhando a menos tempo, sendo uma há dois e outra há três anos.

Como formação acadêmica a maioria das professoras possuem pós-graduação, uma tem mestrado e todas já fizeram cursos de capacitação oferecidos pela Secretaria de Educação.

3.3 Procedimentos e instrumentos

Durante todo o ano de 2012 foi feita uma observação participante na escola no qual se realizou a pesquisa, “consiste na participação real do conhecimento da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso o observador assume [...] o papel de membro do grupo. (Gil, 2011,p. 103)

O procedimento escolhido foi a entrevista semiestruturada de caráter exploratório qualitativo, segundo Gil (2012) “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, a cerca de determinado fato”. Foram realizadas entrevistas com os professores dos alunos autistas, contribuindo para a reflexão dos dados a serem analisados que foram organizados de acordo com os objetivos desse estudo, buscando investigar as dificuldades, as experiências, as estratégias e possibilidades de ensino.

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam a investigação. A entrevista é,

portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2012, p. 109).

A entrevista é muito utilizada para a coleta de dados. “Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como a cerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (Selltiz *apud* Gil, 2012, p. 109). Elas foram gravadas em áudio para facilitar a interação da pesquisadora com as entrevistadas e para que as informações importantes não fossem perdidas. Após esse procedimento as gravações foram literalmente transcritas e colocadas para análise, onde se discutirá os fragmentos das entrevistas com base nas concepções de autores teóricos da área.

Um momento de organização de idéias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte de experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos. (SZYMANSKI, 2002, p. 14).

As entrevistas foram desenvolvidas individualmente promovendo um caráter reflexivo do professor, em que eles eram instigados a pensar sobre sua prática pedagógica para ter como ponto de investigação e análise a vivência desses educadores com seus alunos. Realizar uma entrevista de cunho reflexivo é muito importante para que se obtenha dados significativos, ela possibilita que o entrevistado vá se soltando aos poucos e relate sua real fala.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo iremos analisar os dados obtidos por meio de pesquisa realizada nos anos de 2012 e 2013 em uma Escola Pública da rede Distrital de Ensino, localizada na região Asa Sul de Brasília. Utilizaremos grifos nas falas das professoras entrevistadas, e todo tempo manteremos suas identidades guardadas em sigilos, com a troca de seus nomes reais por outros fictícios. A análise foi dividida em quatro categorias, sendo elas: formação do professor e a dicotomia no reconhecimento da formação oferecida; Processos de aprendizagem reconhecidos no trabalho com crianças com autismo; O papel do professor no desenvolvimento e aprendizagem das crianças e adolescentes com autismo; e o diagnóstico na prática pedagógica com crianças com autismo.

Nenhum aprendiz deve ser levado a aprender algo que não entende, ou algo em que não seja capaz de encontrar significação. (CAMPOS, 2011, p. 131).

1. Formação do Professor e a dicotomia no reconhecimento da formação oferecida.

A formação específica foi num curso de especialização que eu fiz e um mestrado, mas eu fiz cursos de aperfeiçoamento [...] (Fala da professora Shirley).

Eu tenho especialização em educação especial pela UnB, tenho formação em psicopedagogia e tenho vários cursos de capacitação. (Fala da professora Maysa).

[...] depois da faculdade eu fiz curso de capacitação pela secretaria [...] (Fala da professora Izabella).

A formação foi em cursos de TGD [...] (Fala da professora Aline).

Curso de formação pela Secretaria de Educação de autismo [...] (Fala da professora Bruna).

Através das descrições acima percebemos que as professoras levam em conta as experiências de formação pelas quais passaram e trouxeram como elementos para

suas práticas pedagógicas com os sujeitos autistas, as formações acadêmicas. Elas relacionam suas experiências às especializações e aos cursos de capacitação que elas fizeram. Mas será que o conhecimento dos métodos basta para uma intervenção eficaz no trabalho com crianças autistas? É muito importante que os professores possam ter acesso à formação, principalmente, quando é algo novo ou pouco conhecido na realidade vivida por muitos educadores. O conhecimento é fundamental, porém o professor deve levar o conhecimento teórico para dentro da sala ao mesmo tempo em que suas ações sejam reflexivas. Além do conhecimento adquirido através de cursos de especializações e capacitações, a prática docente junto ao aluno com autismo intensifica e significa o grau de conhecimento já possuído. “O mero conhecimento dos métodos não basta, pois é preciso que exista o desejo e a vontade de os empregar”. (DEWEY, 1995, p.62)

Olha, eu já há muito tempo, porque eu tive um tio que ele morreu, e ele era deficiente, então aos 18 anos eu já freqüentava o Sarah, então eu passei quase dez anos da minha vida dentro do Sarah e contribuindo lá, tratando meu tio, cuidando do meu tio[...] aí quando eu entrei na Secretaria, logo me deparei no Caíque[...] que tinha uma pessoa especial e ninguém queria assumir a turma, aí eu falei eu me candidato, se vocês me oferecem algum treinamento para trabalhar com eles eu fico, aí a diretora falou não você vai e passa umas três tardes no centro de ensino especial na L2, aí pronto você pode trabalhar com eles na turma[...] (Fala da professora Stephanie).

A professora Stephanie já traz outro ponto para a experiência de formação na prática com sujeitos autistas, sendo relacionada à experiência pessoal com uma pessoa com deficiência.

Estamos diante de outra questão, será que apenas a prática é o bastante para o trabalho junto à criança com autismo? Passar três tardes em uma classe especial é o suficiente para um professor se sentir preparado, como descrito na fala da professora.

[...] É preciso que a teoria e a prática caminhem lado a lado circunferenciadas pela ação reflexiva. Esta tripla união insere outros significados na vida do educador, pois sua forma de olhar o aluno é transformada e dirigida por princípios e valores que trarão profundidade em suas ações. (ORRÚ, p. 7 - 8).

Faculdade de pedagogia e lá só tinha uma cadeira que se chamava “educação especial”, e ela não era obrigatória[...] não fiz porque não pensava que um dia trabalharia com crianças autistas[...] nunca me deram nenhum curso de formação[...] É Deus que me diz o que eu devo fazer[...] (Fala da professora Clara).

A experiência dessa professora não está nem na formação através de cursos e especializações e nem na experiência com sujeitos autistas, ela vem da coincidência de ter um educando com autismo em sua sala de aula. Sua prática pedagógica não está firmada em nenhum conceito sobre o autismo, apenas naquilo que ela acha que é o certo fazer em sala de aula, em sua fala relatada pela vontade de “Deus”.

Partimos então para a terceira questão: o desejo de trabalhar com crianças autistas apenas pela boa vontade, mesmo sem ter “nenhum” preparo é uma possibilidade aceitável?

A formação do docente não pode acontecer desvinculada do contexto sócio-cultural que o contorna, não pode ocorrer de forma fragmentada à realidade vigente. Caso se dê desta maneira, o docente encontrar-se-á desajustado e inapto para assumir seu posto de educador, pois sua formação não corresponderá às exigências do real cotidiano. (ORRÚ, p. 9).

Para que a escola cumpra seu papel na inclusão de sujeitos com deficiência, um dos pontos importantes é que o corpo docente se sinta preparado para estar junto ao aluno e lidar com a diversidade. A matrícula de crianças autistas na rede regular de ensino é cada dia maior, logo é fundamental que a Secretaria de Educação esteja preocupada em capacitar seus profissionais. Ao perguntamos a cerca da oferta de formação na área do autismo tivemos diversas falas e dentre elas as seguintes descritas.

Precária, muito precária[...] é pouca oferta para muita demanda. (Fala da professora Maysa).

[...] Péssima, inexistente, só Deus [...] (Professora Clara).

[...] eu ainda acho pouco. (Fala da professora Aline).

Pouquíssima[...] (Fala da professora Bruna).

[...]A demanda é muito grande pela quantidade de cursos oferecidos [...] (Fala da professora Izabella).

Aqui nos deparamos com uma educação que não está comprometida com aquilo que prega, pois estar com crianças autistas é estar com sujeitos capazes, que merecem reconhecimento e direito a uma educação de qualidade com profissionais qualificados. Nas falas das professoras, notamos que essa qualificação praticamente não existe e quando há a oferta, ela é pequena para a quantidade da demanda.

[...] no trabalho com crianças em estruturação autística, é necessário que algumas posturas sejam construídas na instituição escolar e ratificadas por pais, alunos, professores e demais educadores [...] (RODRIGUES, 2012, p. 70).

É sempre mais aquela repetição. Então eu acho que deveria passar pra gente coisa nova, inovação, inovar [...] (Fala da professora Izabella).

[...] E os cursos que tem dos últimos dez anos é o mesmo curso, então a gente que já fez não é contemplado porque não adianta, não existem cursos novos, é a mesma pessoa dando o curso há dez anos. (Fala da professora Bruna).

Dessa forma a tendência é a regressão, pois não adianta dentre os poucos cursos que são oferecidos serem a mesma coisa, isso não traz qualificação alguma ao docente, ao contrário, faz com que ele se sinta desmotivado e isso atinge diretamente o processo de ensino-aprendizagem do aluno. O professor deve se sentir motivado para que em seu trabalho ele também venha refletir em suas ações e inovar em seu trabalho.

[...] aqui tem muita criança autista, tem todo tipo de crianças com transtorno e as professoras aqui estão há 15 anos, 25, 16...hiperexperientes [...] (Fala da professora Clara).

O tempo de trabalho como relatou a professora Clara, nem sempre está relacionado à boa experiência do educador, isso pode trazer uma falsa concepção, pois por muitas vezes professores que tem muito tempo de magistérios não possuem ações

reflexivas que transforme sua prática durante sua formação/forma de ação, mas que acabam sendo repetidas durante sua docência.

[...] e isso é possível perceber em algumas escolas. Vemos crianças recebendo repetidamente as mesmas intervenções, ano após ano, movimentando pouco sua posição na linguagem. Estar com crianças fazendo e construindo borda, emprestando sentido, olhando, significando todo movimento, emprestando e abrindo caminho para o simbólico é uma experiência possível para estudantes e professores, os quais têm espaço de escuta e de problematização de suas ações e discursos na formação e no acompanhamento docente. (RODRIGUES, 2012, p. 76).

[...] oferece bastante [...] então eu acho a oferta boa, a secretaria oferece bastante curso, o professor da secretaria ele só não se especializa em uma área se ele não quiser. (Fala da professora Stephanie).

Dentre todas as falas das professoras, encontramos aqui uma dicotomia no reconhecimento da oferta. A professora Stephanie acredita que existe bastante curso e que o problema não está na falta de oferta e sim no desinteresse do próprio professor.

Após a análise feita a partir da formação dos professores, é preciso que eles sejam qualificados e que se sintam preparados para estarem em sala de aula e trabalhem com sujeitos autistas, porém qualificação nenhuma adianta se o educador não se tornar um profissional reflexivo, expressando suas idéias, sentimentos, exercendo sua criatividade, e que possa parar e refletir sobre sua vivência diária com seu aluno e tomar decisões a partir disso. É essencial esse processo de formação reflexivo e de transformação constante.

2. Processos de aprendizagem reconhecidos no trabalho com crianças autistas.

É porque a nossa rotina ela é toda esquematizada, porque na realidade a gente não pode fazer muitas mudanças drásticas na rotina, então ela é bem esquematizada, durante todo o dia nós iremos fazer aquelas coisas, aquela determinada coisa que a gente separa para a criança [...] (Fala da professora Stephanie).

[...]nossa rotina é toda estruturada[...] é tudo planejado pra que as coisas funcionem, porque os autistas realmente tem essa dificuldade de entender o mundo ao seu redor.[...] (Fala da professora Shirley)

A gente tem uma rotina estruturada em sala de aula, e o objetivo dessa rotina estruturada é trazer esse aluno pro ambiente[...] Fala da professora Maysa).

A escola na qual foi realizada a pesquisa há a existência de uma rotina bem forte, onde todos os dias quando as crianças chegam à escola a professora esquematiza no quadro tudo o que será realizado durante o dia, desde a entrada até a saída do colégio e após elas escrevem uma historinha no quadro com o nome dos alunos e dos professores. Como fala das professoras citadas a cima, há um respeito muito grande em utilizar essa rotina.

Há muito tempo atrás acreditava-se que as crianças com autismo deveriam viver sob uma forte rotina esquematizada, com objetivo para que elas pudessem se organizar e viver com mais segurança. Porém, isso foi se quebrando ao longo do tempo, ao longo de novos conhecimentos e intervenções.

O nosso dia-a-dia é repleto de mudanças e a criança com autismo deve ser preparada para viver essas mudanças também, fazendo com que seja algo natural, nada forçado. Nós vivemos sob uma rotina, em que precisamos acordar, tomar café, lanche, almoçar, lanche da tarde, jantar, tomar banho, dormir etc., mas essa rotina ela pode estar a todo tempo sujeita à mudanças e proporcionar a essas crianças a possibilidade de lidar com situações inesperadas, podem evitar muitas aflições e ansiedades.

Nós precisamos enxergar a criança com autismo, como todas as suas singularidades, elas devem ser respeitadas e que cada sujeito é único, não há como trabalhar com eles da mesma forma, forçando a algo que esteja trazendo nenhum aprendizado, pelo contrário é só um mero cumprimento.

A rotina pode ser transformada em uma ferramenta, criando uma possibilidade de aprendizagem. O estímulo para uma saudável vida diária traz confiança e pode abrir oportunidades para ensino de novas habilidades. (CUNHA, 2010, p. 35)

Só eu e uma colega, são duas professoras pra quatro alunos [...] acho importantíssimo[...] esse negócio de trabalhar só não dá certo, se você tem um colega o trabalho flui melhor[...] enquanto você está dando atenção pra uma a outra pode se machucar[...] então duas pessoas focando ali, ninguém se acidenta[...] (Fala da professora Stephanie).

[...] Na realidade uma apóia a outra sempre que precisa a gente está ajudando uma à outra. Eu acho muito positivo. (Fala da professora Aline).

Na escola em estudo existe uma divisão que é um professor para dois alunos, e, dependendo do comprometimento da criança, a divisão fica um professor por aluno. Nas classes especiais normalmente são duas professoras com seus respectivos alunos, e ali as professoras acabam trabalhando em conjunto e os alunos também em determinados momentos participam das mesmas atividades.

A partir dos relatos feitos pelas professoras, podemos identificar que para o desenvolvimento do trabalho delas dentro de sala de aula, ter a presença do outro professor é importante, e ali se faz um trabalho em parceria, onde sempre que uma professora precisa a outra estará ali para dar o suporte e isso faz com que esse outro seja de muita importância no trabalho com os sujeitos autistas, pois assim quando necessário dá um determinado apoio para um aluno, não terá a exclusão do outro.

[...] é importante sim, principalmente fisicamente[...] (Fala da professora Shirley)

[...] eu acho muito precário o atendimento, porque pelo comprometimento dessas crianças seria necessário uma outra pessoa, pra ajudar principalmente com a higiene e no momento de comer[...] (Fala da professora Maysa).

[...] Trabalhar sozinho é impossível, não tem como, e é perigoso porque você sabe a hora que vai ter necessidades fisiológicas, né?[...] (Fala da professora Bruna)

A fala dessas professoras em relação à presença de outro professor em sala de aula, já é diferente, pois a importância para elas nesse sentido seria no apoio mais físico, em que esse professor entraria somente para cuidar da higiene e da alimentação da criança e elas ficaram com a parte pedagógica, havendo assim uma divisão. Ao invés dessa divisão acredito que deva haver a presença de uma terceira pessoa dentro de sala de aula, mas que ela esteja lá para a colaboração e cooperação dentro de sala aula, podendo trabalhar realmente juntas com o objetivo de potencializar aquele aluno e fazer com que ele esteja sempre em processo de aprendizagem. Isso também seria uma forma de viver a inclusão, na qual problemas seriam vividos em colaboração.

Um sentido de comunidade e de responsabilidade, uma liderança crente e eficaz, padrões de qualidade elevados, colaboração e cooperação, mudança de papéis por parte de educadores, professores e demais profissionais de educação, disponibilidade de serviços, criação de parcerias, designadamente com os pais, ambientes de aprendizagem

flexíveis, estratégias de aprendizagem baseadas na investigação, novas formas de avaliação, desenvolvimento profissional continuado e participação total (CORREIA, 2003, p.21).

[...] um deles [...] é mais extremamente comprometido na participação de rotina e o outro tem grande resistência a rotina[...] (Fala da professora Maysa).

Através dessa fala nós nos deparamos com uma questão, se existe a resistência do aluno à rotina, então porque insistir nesse método? Será a melhor forma de intervenção para o processo de aprendizagem no trabalho com as crianças autistas? O excesso de rotina não teria como consequência um tamponamento dos sintomas?

É preciso a quebra de uma formação única, realizada apenas a partir de métodos, entender o autismo é estar em constante aprendizagem e buscar novas intervenções que alcancem, de fato, a realidade e o desenvolvimento desse sujeito e para isso o educador deve revisar suas crenças, métodos, valores e conhecimentos e se colocar na posição de aprendiz também.

Viajar é transportar-se sem muita bagagem para melhor receber o que as andanças têm a oferecer (...) é despir-se de si mesmo, dos hábitos cotidianos, das realidades previsíveis, da rotina imutável, e renascer virgem e curioso, aberto ao que lhe vai ser ensinado. (...) Viajar é olhar para dentro e desmascarar-se (...). Viajar requer liberdade para arriscar (...). Viajando você é reinventado. (...) Sair de casa é a oportunidade de sermos estrangeiros e independentes, e essa é a chave para aniquilar tabus. A maioria de nossos medos é herdada. Viajando é que descobrimos nossa coragem e atrevimento, nosso instinto de sobrevivência e conhecimento. Viajar minimiza preconceitos. (BAPTISTA e BOSSA, 2002, p. 12).

[...] então é muitas vezes é melhor você evitar ele ficar nervoso e fazer com que entre numa crise, então é evitar tirar a atenção dele, acalmar, é melhor do que bater, ir de frente com ele e impor a sua vontade sobre a dele[...] então em muitas vezes é saber conduzir[...]

 (Fala da professora Stephanie).

O professor, como relatou a professora, tem que saber conduzir a situação dentro de sala de aula. Cada aluno é diferente um do outro e quando nós falamos de crianças com autismo, estamos falando de características que podem ser parecidas como também podem ser bem diferentes. Não há um manual no qual o professor possa olhar e seguir aquelas determinadas regras para lidar com o seu aluno é algo muito subjetivo. Cada sujeito é bem diferente do outro, então cabe ao professor ter um

olhar e uma escuta sensível para que possa reconhecer aquela criança em suas singularidades e, partir de cada situação, poder fazer sua intervenção.

No caso da professora Stephanie, quando seu aluno começou a ficar nervoso, ela preferiu fazer com que ele ficasse calmo para poder continuar e dar sentido ao aprendizado, do que ir de frente com ele e impor sua vontade, podendo desencadear uma desorganização maior naquele momento. Por muitas vezes a melhor solução é trazer o aluno para perto, acolher, fazer com que se sinta seguro e que vá se acalmando do que simplesmente achar que por ser o professor tem que impor a sua vontade e o aluno é “obrigado” a aceitar. A posição da professora Stephanie foi um processo de aprendizagem diante aquele aluno, pensando naquele momento no que seria melhor pra ele, o que realmente e fazer com continuasse pertencente daquele lugar, que aos poucos voltasse a se inserir nas atividades. Para construir o conhecimento é preciso que o educador esteja sempre junto, caminhando com seu aluno, ao lado do educando, estabelecendo sempre um vínculo. “Quando aprendemos, aprendemos com alguém, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 36).

[...] eu conheço as coisas que ela gosta, então procuro deixar saltetado duas as três coisas que ela gosta, dois, três momentos diferentes, aí eu vou marcando pra ela, “oh se você fizer, se a gente chegar até aqui, se terminar a atividade tal a gente vai poder fazer tal coisa”, que é o que ela gosta de fazer. (Fala da professora Shirley).

O processo o qual a professora desenvolveu nessa situação descrita, foi a utilização do método comportamentalista ABA (Análise Comportamental Aplicada). A professora Shirley utilizou-se de objetos que sua aluna gosta, para que através disso, ela pudesse alcançar o êxito das tarefas. Esse método é usado da seguinte forma, quando a aluna resiste em participar de alguma atividade ou não demonstra nenhum interesse, então a professora se utiliza de objetos, comidas, coisas que o aluno se interessa e cada vez que esse não quer corresponder, então ela mostra o objeto de desejo e faz a provocação que o aluno só irá ganhar se ele terminar de fazer a tarefa ou exercer determinada função, o que é chamado de reforço positivo.

Nessa situação o aluno não quer participar da atividade e o professor utiliza desse reforço positivo para de certa forma “obrigar” o aluno a terminar, o aluno fica bastante agitado, se acalmando apenas quando conquista o objeto. Segundo a teoria comportamentalista "é necessário acuidade para uma precisa avaliação das situações que causam as atitudes prejudiciais, porque elas fomentam transtorno limitando o aprendizado." (CUNHA, 2010, p. 30)

[...] Inclusive os pais dessa criança é uma parceria maravilhosa, então o retorno pra essa criança é maravilhoso. Então quando se anda em parceria tudo acontece, agora quando não anda é como você secar gelo[...] (Fala da professora Izabella).

A professora Izabella no seu relato valoriza o trabalho junto com os pais de seus alunos no processo de aprendizagem.

De fato se há uma construção dentro da escola, e ao chegar em casa a família não dá continuidade a esse processo, muita coisa é perdida.

A construção do conhecimento e aprendizagem não é individual, não se dá apenas por aquele que aprende no caso o aluno, mas sim por um processo coletivo.

A importância da família, que por sua vez, também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e os mesmos determinam algumas modalidades de aprendizagem dos filhos. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 36).

3. O papel do Professor no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças e adolescentes com autismo.

Nesse eixo iremos tratar sobre qual a importância na visão dos professores entrevistados do seu trabalho para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, mostrando também não só o papel, mas o que consideram importante nesse trabalho.

[...] é perceber o momento que ele quer, o momento que ele não quer, o momento que está fluindo o interesse e é nesse momento que você tem que trabalhar mais, porque na hora que ele não tem o interesse[...] se forçar também não adianta[...] então há o

interesse e é nesse despertar que você começa a trabalhar [...] é a prontidão da criança, não é você que vai determinar é a criança, ele que vai mostrar o interesse, o momento, e aquele pode ser cinco minutos ou um minuto[...] sem forçar de mais[...] mas se você despertar essa vontade nele, ele vem, aí você “entra com tudo” no momento daquele “tchan” (Fala da professora Stephanie).

Na fala da professora, ela demonstra que seu papel está baseado no respeito ao limite do aluno, esperando o momento que ele se mostra “pronto”, independente se seja cinco minutos ou um minuto, isso não importa, o principal aqui é que o professor esteja atento ao educando, esperando o momento certo de acordo com a situação vivida para que possa fazer sua intervenção.

Stephanie traz uma questão importante, pois em seu relato o caminhar do sujeito em desenvolvimento, é o ponto de partida para sua intervenção pedagógica. Na análise da fala, podemos perceber que a professora não prioriza o uso de uma rotina rígida, e sim um ambiente tranquilo que seja agradável ao aluno, reconhecendo o aluno como único e levando em conta suas singularidades. “Os fios tecidos [...] para a grande maioria dos estudantes, são pintados com o mesmo corante, textura e tamanho. Fios que foram tecidos para atender a todos, sem considerar o singular”. (RODRIGUES, 2012, p.71). A forma não deve ser a mesma para todos, estamos lindando com características, singularidades, crianças, realidades diferentes.

[...] eu acho que é uma coisa que o professor precisa ter é o vínculo, porque eles passam a confiar na gente[...] (Fala da professora Shirley).

[...] é amor por aquilo que faz, acho que é tudo. (Fala da professora Izabella).

O papel do professor segundo as falas das professoras, está bem relacionado ao desenvolvimento afetivo que elas vão estabelecendo com as crianças. É um processo realizado dia-a-dia, para que possam estabelecer laços de confiança com o aluno, o que torna, mas fácil o trabalho, principalmente, quando falamos de sujeitos com autismo que têm dificuldades de se relacionar com o outro.

A amizade ou philia é um componente formativo do sujeito. Só quem consegue reconhecer a amizade como condição do humano [...],

compreende que o outro é sempre mais de um. [...] É importante manter a rigorosidade ética das relações entre pares, isso também é formar-se sujeito. (RODRIGUES, 2012, p. 74).

[...] sempre sou eu quem estou mandando na situação, eu não paro no meio porque ela se irritou, então a gente faz pelo menos mais um que seja pra ela entender que não parou ali por que ela quis e sim porque foi ali que eu determinei e aí depois a gente consegue continuar. (Fala da professora Shirley).

Aqui nós lidamos com a importância da autoridade para essa professora, em que o aluno tem que perceber a todo instante que quem manda na sala de aula é o professor, que independente se o educando esteja ou não aprendendo, como foi descrito na fala dela que mesmo a aluna estando irritada, tem que se fazer outra atividade, não para que ela conquiste o aprendizado, mas para que ela perceba a autoridade, nessa situação seria até uma questão de poder, na qual o professor está em cima e o aluno em baixo, sob sua submissão.

[...] na medida em que esse outro, pela lógica que o governa, insiste, seja em ler sua repetição com letra, seja em forçá-lo a responder em submissão à imposição de uma ordem discursiva – imperativos de cuja lógica o autista se sente alheio e, diante da imposição, excluído. (JERUSALINSKY, 2002, p. 36).

[...] é também essa independência, quando mais a gente puder transformá-las em pessoas independentes é melhor. (Fala da professora Shirley).

[...] trabalhar a sua independência[...]. (Fala da professora Aline).

Ao observamos as falas da Shirley e Aline, elas consideram importante no trabalho com sujeitos autistas, o desenvolvimento da autonomia de seus alunos. Percebemos aqui mais um método comportamentalista sendo utilizado que é o Tratamento e Educação para Autistas e crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação (TEACH), os pontos fundamentais dessa metodologia é indicar, especificar e definir operacionalmente os comportamentos do outro. É um método que traz um aprendizado estruturado, valorizando também o uso da rotina, então, o aluno todos os dias tem uma série de coisas que precisa realizar, esse trabalho é realizado

através de fichas, em que o aluno vai seguindo as pistas e desenvolvendo as atividade.

De acordo com um dos defensores do comportamentalismo:

A rotina pode ser transformada em uma ferramenta, criando uma possibilidade de aprendizagem. O estímulo para uma saudável vida diária traz confiança e pode abrir oportunidades para o ensino de novas habilidades. (CUNHA, 2010, p. 35)

Eu acho que é a socialização. O autista tem muito o mudinho dele, se você deixar, ele vai ficar no quarto dele 24 horas por dia vivendo o mundo dele. [...] E a escola é pra eles um clube, a segunda família, a socialização, a integração no mundo através da escola. [...] é como se ele fosse quebrando um ovo. Cada ano eles ficam mais “normais”, porque eles não são anormais, eles são diferentes. (Fala da professora Clara).

A fala da professora Clara nos traz duas grandes questões, ao mesmo tempo em que ela fala da importância do professor e da escola com um papel de ajudar o sujeito com autismo no processo de socialização, ao mesmo tempo, ela exclui seu próprio aluno, acreditando que a vivência que ele tem no dia-a-dia na escola, está relacionado a forma com que ele vai ficando “mais normal” a cada ano. O real papel do professor nesse relato foi totalmente invertido.

A escolarização de crianças especiais, sobretudo crianças que apresentam transtornos globais do desenvolvimento é sem dúvida um convite de refazimento da prática dos professores. Se por um lado temos historicamente o conflito familiar de expor seus filhos ao preconceito social, por outro lado temos o despreparo da escola para receber alunos especiais. (BAPTISTA, 2002, p.111).

A parceria. [...] É parceria em todos os sentidos. [...] Dependendo da criança pode até ter uma evolução, mas dependendo da parceria, penso o tanto que poderia ser melhor. (Fala da professora Izabella).

O trabalho em parceria é totalmente produtivo, como já foi citado, o aprendizado ele não acontece de forma individual, mas sim de maneira coletiva. Quando professores, profissionais de educação, pais e familiares, estão unidos com um único propósito, de fazer com que aquele aluno autista se desenvolva e construa uma significação em cima daquela aprendizagem, o caminhar se torna muito mais prazeroso e positivo.

Abrir espaço para que um sujeito advenha, significa reconhecer a singularidade de cada um dos sujeitos e tentar se desprender do estereótipo do “autista”. Desejar seu desejo, mesmo como possibilidade ilusória, faz com que estejamos todos os dias motivados e

reconhecedores de uma perspectiva potencializadora em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem dessas crianças. (RODRIGUES, 2012, p. 77).

4. O Diagnóstico na prática pedagógica com crianças com autismo.

[...] tudo tem que ter um documento[...] mas pro trabalho acho que não significa muito

[...] trabalhar com ele da forma como tem que ser, é individualmente é do jeito de cada um[...] vai trabalhar de acordo com o indivíduo e não em cima do laudo dele[...] (Fala da professora Stephanie)

[...] como professora o diagnóstico não significa nada. (Fala da professora Shirley).

O diagnóstico em si ele não interfere muito no trabalho [...] eu tenho duas crianças com o mesmo CID e com perfis bem diferentes. (Fala da professora Maysa).

[...] a importância dele é nortear um pouco e mostrar até onde eu posso ir[...] nem sempre o diagnóstico é decisivo. (Fala da professora Bruna).

Para a maioria dos professores, o diagnóstico não diz muita coisa, ele é mais importante para a família, porque é por meio dele que o aluno poderá ter acesso à classe especial e direito a alguns auxílios. Ele serve mais para nortear, para que o professor se prepare para receber este sujeito.

A partir da classificação do DSM V (Maio/2013), as características ficaram bem generalizadas, classificando vários transtornos em um. Não é um diagnóstico que vai determinar quem é o sujeito. O que é mais comum dentre as crianças com autismo, por mais que o professor receba o diagnóstico, é que seus alunos nem sempre são parecidos, normalmente possuem singularidades bem diferentes um do outro. Ao saber-se que aquele sujeito é diagnosticado como autista, já é motivo para olhá-lo de forma diferente e fazer pré-julgamentos, que mais ratificam o estigma do que potencializam a intervenção.

É importantíssimo, porque é partir dali que você sai do parâmetro que você vai iniciar. [...]. (Fala da professora Clara).

[...] você estar trabalhando com algo confirmado, não estar trabalhando com suposições [...]. (Fala da professora Izabella).

É importante, porque você sabendo qual é a deficiência do aluno é mais fácil de você trabalhar [...].

Aqui nós temos situações diferentes das falas citadas na análise anterior, professoras acreditam que o diagnóstico é que vai ajudar para um trabalho eficaz, por estarem trabalhando com algo concreto e não com suposições.

A proposta pedagógica de um educador não deve estar ligada ao diagnóstico, mas sim, nas das necessidades pedagógicas do aluno, levando sempre em conta suas singularidades, respeitando seu limite, estando sensível ao olhar, ao toque, a linguagem verbal e não verbal, ao movimento, ao ritmo e reconhecendo a diferença como elemento constituinte do sujeito. “A primeira especificidade de trabalho com esses sujeitos está no lugar que o professor ou professora ocupa diante de cada um deles”. (RODRIGUES, 2012, p. 76).

[...] qualquer aluno independente se é autista ou não, você tem que aplicar alguns testes, fazer uma sondagem [...] através das observações você descobre tudo[...]. (Fala da professora Stephanie).

A primeira coisa é buscar [...] conhecer ao máximo[...]. (Fala da professora Shirley).

Provavelmente seria da mesma forma como a gente faz agora [...] (Fala da professora Maysa).

[...] não mudaria [...] independente da síndrome você vai achando um jeitinho[...]
esperar que ele te mostre pra então você intervir. (Fala da professora Izabella).

[...] observar [...] após a observação a gente vai criar a estratégia de atendimento e encaminhá-lo para a equipe psicopedagógica da escola para ela tomar as providências necessárias.(Fala da professora Aline).

[...] uma intervenção igual [...] a gente recebe aquele aluno e você vai observando e tateando aquilo e vê o que vai podendo ser feito[...]. (Fala da professora Bruna)

Seis das sete professoras acreditam que se não houvesse o diagnóstico, a intervenção se faria da mesma forma. Através de observações as professoras iriam perceber a necessidade do aluno e buscariam conhecer sobre o transtorno para poder elaborar seus planos pedagógicos. Essas respostas nos indicam que, na prática, sabe-se trabalhar sem os rótulos, mas o paradigma do saber médico sempre é mais forte quando se trata de saber sobre outro.

Mas será que de fato seria dessa forma? Será se o professor está sensível a isso? Estamos realmente acompanhando professores disponíveis, para lidar com a diversidade, independente da suas características, vivências ou deficiências? Professores podem ser capazes de refletir sobre suas ações diante o dia-a-dia na sala de aula, para que a partir dessa reflexão possa mudar suas estratégias pedagógicas e intervenções. Usando a criatividade e a inovação, estimulando sempre o aluno à aprendizagem, emprestando sentido aos movimentos e emprestando a palavra a esses sujeitos, um professor pode armar condições reais de aprendizagem na escola.

Os desafios passam pela própria condição subjetiva de estar frente às crianças, sendo provocado pela singularidade da marca na língua e pela posição na linguagem. Problematizar a intervenção pedagógico-metodológica escolhida pelas escolas para o acompanhamento das crianças pequenas e se posicionar como elemento terceiro entre o já dado (já- dado) pela instituição e o que há de vir (advir) dos sujeitos, forçando uma meta-problematização do fazer, é objeto do acompanhamento das crianças pequenas na escola infantil. (RODRIGUES, 2012, p. 78).

Eu ia quebrar bastante a cabeça até descobrir [...] eu acho importantíssimo, e também você saber o grau, aí você vai trabalhar com aquilo ali e você vai estudar sobre aquilo ali [...]. (Fala da professora Clara).

Essa foi a única professora que relatou que se não tivesse o diagnóstico do seu aluno, ficaria bastante perdida, e que além dessa classificação ajudar no trabalho pedagógico, ela também mostra o “grau” de deficiência que esse aluno possui.

Percebemos então que o que é levado em conta no processo de ensino e aprendizagem com esse aluno é o próprio estereótipo de autismo, havendo aqui uma visão limitada, a qual não vê o aluno em sua essência global, mas sim sua “diferença” e mais uma vez trabalhando a exclusão do sujeito.

Alguns autores trazem uma reflexão acerca da intervenção na escola, sendo essa muito importante para o crescimento dos educandos. Quando se fala de um aluno com autismo em uma instituição escolar, isso traz certa aflição para alguns professores, talvez por não terem conhecimento, ou às vezes tem o conhecimento, mas não se sentem preparados para trabalhar com essas crianças tão encantadoras, crianças que nos desacomodam bastante.

A realidade vista em muitas escolas e até mesmo em instituições de ensino superior é que o corpo docente não está capacitado e nem se sente preparado para trabalhar com alunos com Transtorno do Espectro Autista e, infelizmente, existem muitos desses que não têm o interesse e que acham que a “preparação” deve ser feita somente quanto tiverem a vivência em sala de aula, essa “preparação” vista por eles em muitos casos é entendida pelo apoio de outro professor ou monitor. Essa terceira pessoa em sala de aula é muito importante, pois contribui para uma melhor organização, desenvolvimento, ajuda entre vários outros aspectos que depois serão tratados, mas isso não acontece como “preparação”, depositar tudo no outro. A boa vontade e o desejo de ajudar estes alunos são de extrema importância, porém a falta de qualificação pode prejudicar o processo de ensino e aprendizagem, podendo acarretar perdas comparado aos outros alunos e também a desmotivação diante os estudos. Cabe aos professores buscarem essa capacitação, sendo sensíveis as necessidades do próximo que por sua vez são seus próprios alunos que precisam daquele conhecimento, para se desenvolverem.

O desafio colocado para nós professores é reconhecermos a diferença como elemento constituinte do sujeito. Freud quando falou de Schreber introduziu o sujeito ali e não o louco ou deficiente [...](RODRIGUES apud RODRIGUES, 2012, p. 77).

A escola deve ser um ambiente acolhedor e que também esteja preparado para receber os alunos com autismo. Felizmente também existem professores empenhados a estarem com esses alunos e cuidando para que o seu aprendizado de fato aconteça.

Como afirma Rodrigues (2012) “A diferença faz marca neles e em nós; logo, a formação diversificada e comprometida com a instituição escolar e a subjetivação das crianças precisa considerar a singularidade de quem está chegando as escolas.”

Muitos desses professores buscam estratégias de ensino para o progresso da criança, mas isso não pode ser o único fator importante e deixar de lado o olhar atencioso, a escuta mais sensível, o trabalho para motivar e potencializar as capacidades do aluno, estar atento aos movimentos e as coisas que dão significado à criança podendo ali fazer bordas para o aprendizado, respeitando as singularidades trazidas diferentemente de cada um e não vivendo – as dentro da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a formação docente dos professores que trabalham com crianças e adolescentes com autismo numa perspectiva inclusiva. Quando falamos de uma educação inclusiva de qualidade, esperamos que a escola seja um ambiente acolhedor e que os professores estejam disponíveis e permeáveis para lidarem com a diversidade e as singularidades trazidas por seus educandos.

Ao longo da pesquisa, percebe-se que os professores, ao mesmo tempo em que possuem uma formação acadêmica oferecida por cursos de especialização, formação variada e aperfeiçoamento, estão presos a um determinado modelo rígido de educação, voltado à rotina do sujeito com autismo, que mesmo estando resistente, perpetua o que se repete nesse ritual diariamente. Tudo isso nos faz perceber que o mero conhecimento dos métodos não basta, o professor deve intervir na vida do sujeito por meio da reflexão e da ação reflexiva que são geradoras de estratégias pedagógicas para o bem comum do educando.

Notamos também, nesse trabalho, que muitos professores estão vivendo a exclusão do aluno sem ao menos perceberem isso, acreditando que a classe especial é a melhor forma para o aluno se desenvolver, pois se estivessem em uma turma de ensino regular, não conseguiriam acompanhar a turma, ganhando na parte social, mas não na parte pedagógica.

Na pesquisa foi possível concluir que existem várias controvérsias nas falas dos educadores, eles falam que precisam conhecer aquele aluno e deixar que ele mostre seu ritmo, necessidades, seu tempo, para que o professor possa perceber isso e entrar com a intervenção, mas em contrapartida é valorizado uma rotina rígida na qual os professores ditam as regras e o aluno tem que perceber isso e respeitar. É grande a contradição, deparamo-nos com “rotina x liberdade”, “autoridade x liberdade”, “amor x exclusão”, entre várias outras questões.

A formação docente é oferecida aos professores de Rede Pública pesquisada, mas reconhecemos que o discurso dessa formação não tem sentido e

efeito na prática pedagógica com as crianças e adolescentes com autismo. Práticas de caráter comportamental têm mais escrita e ressonância junto aos professores.

Os binômios supracitados ainda necessitarão de muita problematização e discussão para que possamos ter, de fato, uma educação para todas as crianças e adolescentes.

Pretendo continuar estudando e pesquisando sobre essa área. Espero contribuir por uma educação de qualidade para as crianças com autismo, reconhecendo-as sempre como sujeitos em construção, dotadas de potencialidades, capazes de grandes aprendizados, pessoas doces, sensíveis, com grande potencial e que merecem ser respeitadas em sua singularidade.

REFERÊNCIAS

BATISTA, C. R. e BOSA, C. **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Artemed, Porto Alegre, 2002.

Brasil. Ministério da educação. **Lei do autismo**. Disponível em :

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm Acesso em 18/07/2013 às 10:45.

Brasil. Ministério da Educação. **Decreto 7611**. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm

Acesso em: 18/07/2013 às 10:50

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva**. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16478&Itemid=1107

Acesso em: 18/07/2013 às 11:00.

CALAZANS, R.; MARTINS, C.R. **Transtorno, sintoma e direção do tratamento para o autismo**. *Estilos da Clínica*. V 12, n. 22. São Paulo, jun. 2007.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Adolescência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. CID-10. 2010.

CORREIA, L. M. (2008). **Inclusão e Necessidades Educativas Especiais. Um guia para Educadores e Professores**. 2ªed. Coleção Necessidades Educativas Especiais. Ed. Porto. 2008

CUBERO, R.; LUQUE, A. **Desenvolvimento, educação e educação escolar: a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem.** Em: C. COLL; A. MARCHESI;

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão. Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Ed. Wak. 3ª Ed.: Rio de Janeiro. 2001

DEWEY, J. **Experiência e educação.** Trad. De Anísio Teixeira. São Paulo: C. E. Nacional, [s.d].

DICIONÁRIO DE SAÚDE MENTAL. **Associação Americana de Psiquiatria.** DSM V. 2013.

FREUD, S. **A Dissecção da Personalidade Psíquica,** Rio de Janeiro, 2ª Ed., 1932[1975ª], p.183.

FERNÁNDEZ, A. **Os Idiomas do Aprendente: Análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação.** Porto Alegre: Artmed, 2001, P.36.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

KANNER,L. **Autistic disturbances of affective contact.** The Nervous Child. 2, 1943.

LACAN, J. **Las Formaciones del Inconciente.** B. A.: hormé, 1967.

JERUSALINSKY, A. **Psicanálise do Autismo.** Instituto Langage, Ed 2º, 2002.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças.** In: Nova Escola, maio de 2005.

MENDES, E. G. **Construindo um “lócus” de pesquisas sobre inclusão escolar.** São Carlos: Ed. UFSCAR, 2004, p. 227.

O' BRIEN, J.; O' BRIEN, C. L. **A inclusão como uma força para a renovação da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. Cap.1. p.48.

ORRÚ, Sílvia Ester. **A formação de professores e a educação de autistas**. Disponível em: <http://www.rioeoi.org/deloslectores/391Orru.pdf> Acesso em 18/07/2013 às 10:40.

RODRIGUES, Fátima L. V. **A experiência de acompanhar crianças com autismo na escola: desafio de des-fiar a forma de formação de professores**. Ciências e Letras, Porto Alegre, nº52, p. 69 – 80, Julho/ Dezembro. 2012.

SARTORETTO, M. L. **Inclusão: da concepção à ação**. RJ: Vozes, 2008. P. 77-78

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SZYMANSKI, H. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002, p. 10 – 15.

TAMANHA A.C. PERISSOTONO J, CHIARI B. M. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger**. Rev Soc. Bras. Fonoaudiol. 2008; p. 296-9.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1997.

WING, L. (1981). **Síndrome de Asperger: A Conta Clínica**. Psicológico Medicina, vol. 11, p. 115.

Apêndice 1



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa sobre *A formação docente em uma perspectiva inclusiva no trabalho com crianças e adolescentes com autismo* realizado por Camila Rocha Viana⁶, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 09/0108493, sob a orientação da Prof^a Dr^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues⁷.

O trabalho consiste em entrevistas com professores (as) da escola sobre o tema. As entrevistas serão individuais e ocorrerão em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola. As entrevistas serão gravadas em áudio por duas razões: para facilitar a interação da pesquisadora com os/as entrevistados/as e para que informações importantes não se percam.

Minha participação é totalmente voluntária e será garantido o sigilo de meu nome e de todos os sujeitos participantes das entrevistas, como forma de preservar a identidade de cada um. Os benefícios recebidos serão em termos de produção de

⁶ Endereços para contato: Camila Rocha Viana – E-mail: milarovia@gmail.com;

⁷ Prof^a Dr^a Fátima Vidal – E-mail: vidalrodrigues@yahoo.com.br.

conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico com estudantes com autismo e compreender a formação docente numa perspectiva inclusiva.

Informo que os dados e a identidade dos entrevistados serão mantidos sob reserva desta pesquisadora e não serão divulgados em nenhum meio impresso ou de discussão.

() concordo em participar deste estudo

Local e data: _____

Nome do(a) participante: _____

CPF ou RG do(a) participante: _____

Endereço do(a) participante: _____

Telefone do(a) participante: _____

E-mail do(a) participante: _____

Assinatura do(a) participante: _____

Apêndice 2

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Dados de Identificação

Nome:

Idade:

Tempo de magistério:

Formação acadêmica:

Tempo trabalhando com sujeitos com autismo:

1) Quais as experiências de formação pela quais você passou que trouxeram elementos para a prática pedagógica com crianças autistas?

2) Como você avalia a oferta de formação na área do autismo?

3) Você poderia descrever como é um momento pedagógico com seu aluno com autismo?

a) Ele está em uma turma regular onde há outras crianças com autismo?

b) Há algum outro professor ou monitor em sala? Como você avalia a entrada desse terceiro em sala de aula?

c) Como é sua criança com autismo?

4) Para você qual o principal papel do professor no desenvolvimento e aprendizagem do aluno com autismo?

5) Qual a importância do diagnóstico no seu trabalho?

6) Se você recebesse um aluno com autismo, mas não soubesse desse diagnóstico, como você pensa que seria a sua intervenção pedagógica?

7) O que você considera importante no trabalho com crianças com autismo? O que mais você poderia me dizer sobre as crianças com autismo?

Apêndice 3

A íntegra das Entrevistas realizadas no período de 27 de Maio a 17 de Junho.

Professora Stephanie

1) Olha, eu já há muito tempo, porque eu tive um tio que ele morreu, e ele era deficiente, então aos 18 anos eu já freqüentava o Sarah, então eu passei dez anos da minha vida dentro do Sarah e contribuindo lá, tratando meu tio, cuidando do meu tio. O problema dele era muito sério, e a gente ficava levando, buscando, ficava nos tratamentos lá por muitas vezes, então a gente ficava vários dias frequentando, eu a minha mãe, então foram anos da minha vida só pra isso, então quando eu entrei na secretaria, eu trabalhei em outros empregos, logo que eu me vi me deparei no Caique de São Sebastião que tinha uma pessoa especial, e ninguém queria assumir a turma, ai eu falei: eu me candidato, se vocês me oferecerem algum treinamento para trabalhar com eles, eu fico. Daí, a diretora falou: você vai você passar três tardes no Centro de Ensino Especial na L2, daí você poderá trabalhar com eles na turma. Assim eu fiz, comecei lá em 1999 - entrei na rede publica e trabalhei uns três meses no ensino regular e depois entrei numa turma de ensino especial e não sai mais. Até o momento eu não tinha feito nenhuma especialização, mas depois que eu entrei na secretaria, logo fiz o curso de pedagogia. Escolhi a área de ensino especial em duas pós-graduações- uma em autismo e outra em psicopedagogia – como eu me interessei, fui cursando, pois eu tinha muita prática, mas me faltava a teoria.

2) Olha, eu acredito que Secretaria de Educação oferece bastante, eu vejo que muitas vezes eu começo um curso, tem 30 professores fazendo o curso, ai quando chega no final ficam somente 10 a 15 professores. Muitas pessoas vão desistindo ao decorrer do curso, muitas vezes ocupam as vagas de pessoas que querem frequentar até o final. Ocupa a vaga, mas não sai, e quando sai já é tarde porque você tem que ter o numero de aulas para o curso ter validade. Se você perde muitas aulas, não adiantar abrir vagas para outros, porque já passou, então eu acho a oferta boa, a secretaria oferece bastante curso, o professor da secretaria só não se especializa em uma área se ele não quiser.

3) E porque a nossa rotina ela é toda esquematizada, porque na realidade a gente não pode fazer muitas mudanças drásticas na rotina, então ela é bem esquematizada, durante todo dia nós iremos fazer aquelas coisas que a gente separa pra criança, então geralmente o aluno já sabe que hoje tem informática, então já é uma coisa que ele não vai resistir pra ir para sala da informática, e têm momentos que é atividade da mesa,

naquele momento da atividade de mesa, mesmo que ele não queira a gente vai passar alguma coisa do interesse dele, para ele ter o interesse na atividade. Neste momento, nós vamos trabalhar com a festa junina, então já estou aqui pesquisando as famílias silábicas "já, jê, ji, jo e ju", colocar o conteúdo dentro do contexto que ele está inserido, ele está vendo muita coisa, está ouvindo todo dia a música de festa junina, então eu já aproveito e trabalho aquela família silábica de Junho, de João, então tem tudo a ver, então ele já associa e fica mais fácil, ele já consegue prestar mais atenção referente àquela música que ele está escutando. Tudo vai se amarrando, se encaixando, uma coisa vai puxando a outra.

a) Sim, porque eu trabalhei aqui desde 2000, então tem aluno que eu alfabetizei e já está no nono ano, então ele vem com aquela voz grossa de homem, ele veio aqui me dar um abraço, aí chegou com o olho roxo e eu perguntei o que foi isso você caiu? Aí ele diz: não, eu levei um soco, e eu pergunto: porque? Ele responde: o pai da colega lá da escola me deu um soco só porque eu dei um beijo na filha dele. Daí, eu disse: Wender, você pediu permissão para moça e para o pai dela? Ele respondeu: não. Então eu falei: não pode beijar ninguém sem permissão. Daí ele disse: ah, então tá bom, agora vou pedir permissão. Então já tem muitos alfabetizados, o Gabriel eu já atendia na sala de recursos por muito tempo, e outros meninos que já estão no oitavo ano, muitas crianças que estudaram aqui já saíram da escola.

b) Só eu e uma colega, são duas professoras para quatro alunos. Eu gosto de trabalhar com outra professora em sala de aula, acho importantíssimo. Acho que esse negócio de trabalhar só não dá certo, se você não tem um colega. O trabalho flui melhor, até mesmo para criança não se machucar. Então, duas pessoas fiscalizam melhor, enquanto você está dando atenção para uma, a outra pode se machucar, fazendo alguma coisa que não deve. Então duas pessoas focando ali, ninguém se acidenta, ninguém se machuca, porque eles gostam de se rasgar, tem algum machucadinho e querem ver o sangue, então tem alguns alunos que gostam disso, mexem com o nariz até sangrar. Portanto, duas pessoas supervisionado é bem melhor, sem dizer também que têm momentos que eu quero tomar um copo d'água ou ir ao banheiro, daí estando sozinha, eu deixaria dois autista sozinhos, o que não pode acontecer. Então duas pessoas é o ideal para uma sala, com dois alunos, até uma estagiária também, eu gosto de estagiária.

c) O Luís Felipe é tranquilo, desde que ele queira objetos em hora inapropriada. Então você tem que saber mexer com aquilo, porque ele é tranquilo, mas tem hora que tem aquela violência dentro dele que é como um vulcão, aí você não controla. Então muitas vezes é melhor você evitar que ele fique nervoso e fazer com que entre numa crise, então é evitar tirar a atenção dele, acalmar, é melhor do que bater, ir de frente com ele, e impor a sua vontade sobre a dele, aí ele pode ficar violento, pode quebrar, então, em muitas vezes, é saber conduzir, você não quer que ele faça aquilo naquele momento,

então não é bater de frente e dizer que não, você vai tentar desviar a atenção dele para outra coisa, mudar o foco, que aí ele se acalma e você convence.

4) É a sensibilidade, é perceber o momento que ele quer o momento que ele não quer, o momento que está fluindo, que ele tem o interesse e é nesse momento que você tem que trabalhar mais, porque na hora que ele não tem o interesse tem que fazer esse despertar do interesse porque se força também não adianta. É como se você tivesse forçando uma pessoa a ler uma letrinha e ela está em outro lugar, e você está ali fazendo uma presença para ele que não está nem aí. Agora, a partir do momento que você traz ele para perto daquilo, para ele sentir aquilo, uma música, um objeto, aí você consegue despertar nele, aí ele se interessa, até os olhinhos mudam, então há o interesse e é nesse despertar que você começa a trabalhar, aí sim a coisa flui, é como se ele dissesse “estou pronto”, é a prontidão da criança, não é você que vai determinar, é a criança, ele que vai mostrar o interesse, o momento. Esse momento pode ser 5 min ou 1 min, então aproveita e deixa ele sem forçar de mais, sem obrigar, e com isso ele fica desconfortável, vai ficar irritado e não vai adiantar de nada. Mas se você despertar essa vontade nele, ele vem. Daí você “entra com tudo” nesse momento.

5) Olha, a importância é porque tudo tem que ter um documento, tudo é amarrado num documento, mas para o trabalho acho que não significa muito, você vai ter que trabalhar com ele da forma como tem que ser, é individual, é do jeito de cada um, porque às vezes um autista é mais clássico, outros são menos, mas todos são diagnosticados com TGD, mas você vai trabalhar de acordo com o indivíduo, não em cima do laudo dele. Mas tem que ter esses documentos para garantir a classe, porque só em Brasília que tem classe especial, os outros estados não tem e daqui um pouco até Brasília vai acabar aí vão querer incluir todos, só que muitos não têm condições, tem que ser trabalho individualmente. Ele não pode estar ali no coletivo, por mais que ele cresça. Ele é grande e do ponto de vista social é bom, é real, mas de repente a professora não dá conta de dar a atenção individualizada que ele necessita, daí ele acaba perdendo, ele ganha pelo social e perde na parte pedagógica.

6) É porque eu acho que qualquer aluno, independentemente de ser autista ou não, você tem que aplicar alguns testes, fazer uma sondagem, e isso a gente faz em uma semana, um bimestre, um semestre, assim você descobre tudo, você descobre tudo trabalhando todo dia com seu aluno, você sabe o que ele sabe, até os caminhos do raciocínio de uma criança a gente sabe, desde que você tenha um olhar para conhecer um olhar de pesquisa, você tem que pesquisar aquele ser humano, você interpretar a maneira, o caminho que ele encontra, como é que ele faz, não é nem que você queira entrar na criança, mas é pensar como ela, descobrir como ele chega a conclusão disso aqui, e no dia a dia se for uma pessoa sensível ele descobre. Através das observações você descobre tudo, mesmo sendo uma criança especial ou não com

o tempo você descobre todo o potencial dela, o que ela tem condições de fazer e o que ela ainda precisa ser trabalhada pra desenvolver.

7) Sensibilidade é muito importante também. Apessoa quer trabalhar com o autista e nem gosta, e eu acho que tem que gostar, tem que ter o amor, se você chega ali para tratar de um doente, você vai maltratar e ele vai ficar bom? Não, vai ele vai morrer, agora se você chegar com amor, você quer que ele se recupere é diferente, ele vai melhorar, vai ter aquela força de ânimo, aquele vontade de ficar bom, mas é porque ali ele tem certo cuidado, a pessoa tem o amor pelo o que esta fazendo, mas aquele que chega para fazer só por fazer e não sente nada, ele não vai se apegar, ali não é um parente, mas é um ser humano que merece respeito, merece carinho, que na hora que ele está chorando você tem que acalantar, se você faz isso você não tem dificuldade para trabalhar. E o autista, em particular, é um aluno que confia no professor. O professor passa por um momento de adaptação com o aluno e vice-versa, e depois que ele está bem adaptado ele cria o vínculo. Essa criação com o vinculo que é muito importante. A mãe do meu aluno fala que ele não come fruta, aí eu pego a minha fruta e como na frente dele, ai ele começou a experimentar a minha agora. Ele come a fruta dele, daí eu peço para mãe:pode mandar uma maça, uma pera. Daí, ela pergunta: banana? Ele está comendo? Respondo: "Tá!" Eu como uma banana aqui na frente e ele fica olhando para dele, daí eu como e vou mastigando e vou falando gostosa, daí daqui a pouco ele pega a banana dele e começa a comer, porque ele confia, porque quem esta ali na frente, ele criou um vinculo, confia que eu estou comendo não vai me fazer mal, então ele começa a gostar, porque fruta é gostoso.

Eu acho que as pessoas muitas vezes gostam do autismo, mas elas se esquecem um pouco da vida de cada um. Eu tenho a impressão de que a gente tem que se envolver, mas não fazer disso a nossa vida. Depois que eu saio daqui, é como se eu não trabalhasse, a escola não existisse. No momento que estou aqui, eu me entrego ao trabalho, sou uma profissional, mas quando eu saio daqui, pronto, eu saio daquele portão ali, eu nem lembro que tem escola, nem lembro que tenho aluno, esqueço todos os problemas. Os pais chegam às vezes e choram e eu falo: pais, não fiquem assim, vai melhorar. E quando eu saio ali, esqueci tudo, passei tipo uma borracha. Portanto, acho que as pessoas têm que separar, tem que viver uma coisa de cada vez, pois, no momento que chego na minha casa, não vivo isso aqui. Vivo outros problemas. Tem que separar para não adoecer, não ficar triste. Tem que ficar é feliz por estar realizando um bom trabalho.

Professora Shirley

1)A formação específica foi num curso de especialização que eu fiz e um mestrado, mas eu fiz cursos avulsos de aperfeiçoamento, em instituições particulares, fiz outros cursos por conta própria.

2) Aqui na Secretaria de Educação temos a escola de aperfeiçoamento dos profissionais de educação, a EAP. Eles, até o ano passado, ofereciam dois cursos de formação continuada nessa área. Neste ano, eles não estão oferecendo porque estão pensando mais na questão do currículo que será mudado agora na secretaria. Então os cursos, até o ano passado, foram quase que extintos e a quantidade de curso eram muito pouca para a quantidade de professores que tem, visto que para trabalhar com os autistas, os quais são chamados de Transtorno Global do Desenvolvimento, a rotatividade dos professores é muito grande. Assim são poucos os professores que continuam com os autistas, por isso a gente sempre precisa de cursos de capacitação, de formação. Acredito que na Universidade os Cursos de Formação na área de educação deveriam se preocupar numa formação mais sólida, não só com autismo, mas com todos os alunos com necessidades educacionais especiais.

3) Bom, nosso dia é todo estruturado, a gente diz que nossa rotina é toda estruturada, é tudo planejado para que as coisas funcionem, porque os autistas realmente têm essa dificuldade de entender o mundo ao seu redor, de organizar as coisas na cabeça, então se ele sabe, se tem uma previsão das coisas que vão acontecer, eles ficam mais calmos, menos ansiosos. Se a gente consegue elaborar uma rotina junto com eles, eles sabendo minimamente o que vai acontecer, facilita o trabalho. Daí, na hora da rotina, tem de tudo tem – há a parte pedagógica de conteúdo propriamente dita, mas a gente tem as atividades de vida diária que a gente não deixa de trabalhar com eles – vestir-se, despir-se, escovar os dentes, se arrumar, se preparar para o lanche, lanchar – tudo é uma questão de aprendizagem.

a) Não, é classe especial e têm mais outras duas crianças. São três alunos na sala, todas autistas.

b) São duas professoras em sala de aula. É importante sim. Principalmente fisicamente, pois estou meio impossibilitada com a questão do braço e a minha aluna é muito difícil, ela se joga no chão, se debate muito. Ela é muito voluntariosa. Então, nesse momento, a Monica tem me ajudado, mas a convivência entre os três também é interessante, quando um participa, o outro quer participar de alguma forma, então há uma interação bem positiva.

c) Bom, eu só tenho um aluno para você ter uma idéia de como que é. Bom, ela é voluntariosa, se ela quer uma coisa, ela quer, então ela faz de tudo para conseguir. Então é minha responsabilidade impor o limite e dizer que não pode fazer aquilo, portanto é uma imposição na maioria do tempo. Entretanto, há momentos que eu a deixo livre, assim na rotina já tem esse momento, eu conheço as coisas que ela gosta, então procuro deixar duas ou três coisas que ela gosta, dois ou três momentos diferentes, daí vou falando para ela: oh, se você fizer, se a gente chegar até aqui, se terminar esta atividade, a gente vai poder fazer tal coisa que você gosta. Então, assim

eu tenho conseguido conquistá-la com mais facilidade, apesar de não estar sendo fácil, uma vez que ela é uma menina que precisa de muito limite.

4) Bom, eu acho que a questão do limite é “se fazer entender”, porque às vezes a gente tem a impressão que eles estão entendendo o que a gente está dizendo, mas eles não estão. Muitas vezes eles deixam de fazer porque não estão entendendo, então a gente tem que procurar a melhor forma para “chegar” neles. Com ela funciona muito bem por meio de fotografia e imagens, porque a ela não entende pela escrita. Se eu fizer uma agenda toda de escrita ela não vai entender, então vou mostrando as fotos, gravuras, figuras. Quando eu quero alguma coisa que ela não está entendendo, mostro alguma coisa para esclarecer. É essa coisa mesmo de entendimento, de vínculo. Acho que uma coisa que o professor precisa ter é o vínculo, porque eles passam a confiar na gente. Então, hoje ela sabe que, se eu falar “não”, ela vai se irritar, vai fazer acontecer, mas não pode acontecer, porque eu falei, mas ao mesmo se eu deixar, se for propício, legal, aí ela sabe que pode ir com tudo, eu sou uma pessoa que ela pode confiar nesse sentido, ela sabe que o sim é sim e o não é não, não tem o meio termo, não tem negociação em determinados momentos. Às vezes eu preparo uma rotina um pouco mais extensa e eu mesma sinto isso, então hoje mesmo aconteceu isso, eu tinha preparado quatro atividades, quando foi na segunda ela já começou a ficar um pouco inquieta e já começou a derrubar as coisas. Eu vi que não dava mais, daí eu disse assim: Nós vamos terminar só essa e depois a gente vai ouvir música - que é uma coisa que ela gosta. Portanto, eu também mudo a rotina de acordo com o comportamento dela, mas sempre sou eu quem estou mandando na situação, eu não paro no meio porque ela se irritou, então a gente faz pelo menos mais um que seja pra ela entender que não parou ali por que ela queira e sim porque foi ali que eu determinei e aí depois a gente consegue continuar.

5) Pessoalmente, como professora e como pessoa, o diagnóstico não significa nada. Não é um diagnóstico que vai determinar muito para mim não. É importante a gente ter uma idéia, um diagnóstico para saber as características. O mais importante é saber o que você vai trabalhar, porque uma coisa que eu aprendi é que todos nós somos diferentes, então, por mais que um diagnóstico delimite uma situação, não é exatamente o que a pessoa é, a pessoa é muito mais que um diagnóstico, então para mim vale muito mais conhecer meu aluno na observação, porque é ele quem vai dizer, eu nunca levo nada pronto. Sabe, eu chego no começo do ano eu vou fazer isso não, eu vou conhecer meus alunos, conhecer minha turma, para esse aluno posso fazer isso para aquele aluno posso fazer aquilo, entendeu. O limite dele é até aqui. Saber onde posso dar uma puxada, porque o autista tem essa questão de problemas de comportamento, você também não pode passar o limite dele, se não você vai ter uma pessoa com crise quase que direto na sala, então a gente tem que perceber isso, o limite de cada um, uma potencialidade de cada um, saber até onde você pode puxar,

pois cada um é único. O diagnóstico para mim serve para isso, para eu ter uma ideia, mas eu vou seguindo pelo o que eles vão demandando. Agora, na rede, é preciso ter um diagnóstico para ter um atendimento individualizado. Portanto, o diagnóstico na rede é essencial. Sem o diagnóstico você não consegue uma turma um pouco mais reduzida, você não consegue essa modulação de TGD que a gente chama sem o diagnóstico. A gente não consegue isso, por mais que o pai chegue e fale, ele precisa de um diagnóstico médico, um CID.

6) A primeira coisa é buscar, saber o que é isso. Até hoje eu falo, a minha aluna mesmo tem o CID de autismo e mais três outras comorbidades, então essas outras três eu não as conhecia eu fui atrás, porque a primeira coisa é saber o que significa, saber o do que se trata, saber que medicamento a criança toma para saber se tem efeito colateral. Então, assim, é buscar conhecer o máximo, eu procuro sempre no início do ano chamar as famílias, eu faço uma conversa com elas, para saber o que gosta o que não gosta, saber se tem alguma alergia, saber o que irrita a criança, tem alguma coisa que ela gosta muito, justamente para, além de conhecer, você saber como lidar logo quando a criança chega, tem uns que tem uma hipersensibilidade auditiva, então eu gosto muito de ouvir música, de colocar música em determinadas situações na sala, mas já para alguns já não dá. Então tudo isso você tem que saber, tem que conhecer minimamente o aluno para que a partir do momento que você começa a trabalhar você vai conhecendo mais e mais, pelo conhecimento que a gente vai adaptando as atividades e cada um tem o seu plano pedagógico, então é um para cada aluno, todos com o interesse de acordo com o nível de desenvolvimento, de acordo com aquilo que a gente acha que é capacidade, então ele pode conseguir e muitas vezes a gente tem até felicidade, que a gente estabelece objetivos e logo eles alcançam, então a gente tem que elaborar novos, então isso é muito legal e de você estar atento a isso.

7) Acho que é mais ou menos isso que eu já falei, você ter a sensibilidade de perceber, para você conhecer tem que dá uma certa liberdade para ele mostrar o que ele quer, porque se você fica segurando ali o tempo todo ele não vai te mostrar o que ele quer, qual o interesse, às vezes ele está mais agitado porque ele quer ir ao banheiro, mas ele não sabe te pedir para ir ao banheiro, mas ele sabe onde é, então ele sai correndo, poxa, que alívio que legal, aí ele já volta outro menino, então às vezes ele vai mexendo em uma coisa e você acha que ele vai destruir e não, às vezes ele até sabe como usar, pois é então é conhecer porque eles que vão dizer para a gente como a gente vai trabalhar com eles, eu sempre digo isso, não adianta você levar nada pronto de antemão, claro que aí depois à medida que a gente vai conhecendo você vai planejando as atividades, você já vai sabendo mais ou menos os limites, que eles conseguem fazer sozinhos e o que eles precisam de ajuda, o objetivo também é esse a independência, quando mais a gente puder transformá-los em pessoas independentes é melhor, porque muitos usam fraldas, não comem sozinhos, então se você consegue

pelo menos essas coisas mais praticas do dia a dia já é uma grande vitória. Depois você pensa na escolarização propriamente dita.

Para mim a formação é uma das coisas mais essenciais em todos os níveis, mas especificamente com autista é a base para um bom trabalho, uma boa formação, e isso seria ótimo se a secretaria pudesse atender a todos que precisam é o que eu te falei, a gente tem cursos mas a quantidade não é suficiente, então não satisfaz, então seria bom que a gente tivesse a formação tanto de teoria quanto de pratica que auxiliasse o professor no fazer pedagógico. Eu falo que o professor é muito sozinho, ele está rodeado de crianças e pessoas, mas ali no seu fazer ele é muito solitário. Então ele teria que ter esses momentos tanto de formação quanto de pratica, mas também desabafo de colocar seus sentimentos de frustração para fora, porque a gente é muito frustrada, o desenvolvimento dessas crianças muitas vezes é muito lento, muitas vezes essas crianças têm comprometimento intelectual, então a aprendizagem se torna muito mais lenta, e é essa coisa da ansiedade, poxa, eu já ensinei tanto eu já fiz tanto então já trabalhei tanto, mas ainda não chegou a atingir, então vamos pensar em outras formas, eu também acredito que a formação certa, além de você socializar, é você ver o que a sua colega já fez e compartilhar, tem que ter esse desabafo, mesmo que não tenha solução nenhuma, mas só de colocar para fora já ajuda, para que aquele sofrimento psíquico não adoça o professor.

Professora Maysa

1) Eu tenho especialização em educação especial pela UnB, tenho formação em psicopedagogia e tenho vários cursos de capacitação, na área.

2) Precária, muito precária, os cursos que são oferecidos muitas vezes são muito caros, então você tem que investir e financeiramente fica muito pesado. Os cursos gratuitos são muito limitados, pois é pouca oferta para muita demanda.

3) A gente tem uma rotina estruturada em sala de aula, e o objetivo dessa rotina estruturada é trazer esse aluno para o ambiente, para o contexto escolar. Existem várias atividades que são programadas semanalmente, quinzenalmente, e algumas que são diárias que são as rotinas e outras que são programadas de médio a longo prazo. Eles têm atividades diversificadas, atividades que atendem a diversas áreas do desenvolvimento deles, então a gente tem atividades na área de psicomotora, atividades que trabalham a oralidade, então a gente tenta diversificar ao máximo possível as atividades com eles.

a) Não, em Classe especial. São três crianças no total com autismo na mesma sala.

b) Nós somos duas professoras para três alunos. Não são três pessoas, são duas professoras para três alunos, na verdade é um professor para dois alunos, na verdade são duas turmas na mesma sala, só que tem uma das alunas que é muito comprometida, então esse ano ela tem um atendimento individualizado. E por causa disso ficaram três alunos para duas professoras, e eu sou responsável por dois alunos e eu acho muito precário o atendimento, porque pelo comprometimento dessas crianças seria necessário uma outra pessoa, para ajudar principalmente na higiene no momento de comer. Tem determinadas atividades que exigiriam uma outra pessoa para

ajudar, porque uma pessoa para cuidar de dois, tem hora que você esta atendendo um, então você tem que se dividir em duas para dar conta e muitas vezes você acaba deixando a desejar, principalmente com o menos comprometido porque o mais comprometido demanda mais atenção do professor, deveria ter uma terceira pessoa para ajudar nessa questão principalmente de higiene e alimentação, se tivesse uma terceira pessoa, essa pessoa ia se responsabilizar e o professor ficava com só com o pedagógico mesmo.

c) São duas crianças com perfis bem diferentes, um deles é autista clássico, nem um dos dois fala. Um deles tem um nível de compreensão muito bom - ele é mais extremamente comprometido na participação de rotina. O outro tem grande resistência à rotina e tem o nível de compreensão bem abaixo do outro. São perfis diferentes: um é mais, não chega a ser agressivo, mais resistente mesmo, não aceita demanda muito atenção; o outro que tem uma compreensão maior é mais tranquilo, atende mais, mas tem também resistência em participar das atividades, então são perfis bem diferentes.

4) Eu acho essencial a participação do professor, a escolarização dessas crianças é fundamental porque dá um outro tipo de vivência completamente diferente da que ele tem em casa, em clínica, o convívio social na escola é muito importante porque dá oportunidade dessas crianças conviverem com outras crianças com o convívio típico e a parte da socialização é fundamental, acho que o ganho maior que essas crianças tem é com relação ao entrosamento. É um convívio que com certeza essas crianças não têm em outros lugares.

5) O diagnóstico em si não interfere muito no trabalho. O diagnóstico no meu trabalho aqui na rede pública serve somente como estratégia de matrícula para que essa criança tenha o direito de atendimento diferenciado na classe especial, mas, na prática do dia a dia, não influencia muita coisa porque o diagnóstico vem com um CID e é como eu falei, eu tenho duas crianças com o mesmo CID e com perfis bem diferentes.

6) Provavelmente seria da mesma forma como a gente faz agora, porque a gente tem esse olhar individualizado e de trabalhar de acordo com que aquela criança te oferece, a maneira como ele reage, como vai agir, é planejar em cima do que ele te mostra, que tem capacidade de aprender, então provavelmente o olhar não seria diferente, seria o mesmo que a gente tem agora.

7) Acho que esse atendimento especializado é que faz diferença no tratamento com a criança. São crianças que tem muita dificuldade de interação, por isso atendimento especializado ajuda na organização da criança, na organização da rotina dela, então esse atendimento especializado faz grande diferença no desenvolvimento dessa criança. Se ela for para uma turma com mais 20 ou 30 crianças, com certeza o desenvolvimento dela não será o mesmo. O que a gente oferece a essa criança em um atendimento mais especializado é que ajuda muito no desenvolvimento dessa criança.

Eu acho que a gente está no início de um caminho muito longo. Acho que hoje a rede pública já caminhou bastante, mas ainda faltam muitos recursos materiais e recursos humanos. A estrutura da pública é melhor do que a da particular e a formação dos professores da rede pública também é melhor, mas ainda falta muito, ainda tem muita coisa para se conquistar e eu espero que não perca o pouco que a gente tem que são as classes especiais que eu acho essencial para o desenvolvimento de uma criança autista que quando mais comprometida ela for, mais ela necessita desse atendimento especializado.

Professora Clara

1) Na realidade, eu fiz a faculdade de pedagogia e lá só tinha uma cadeira que se chamava educação especial, ela não era obrigatória na época, já faz bastante tempo, eu já tinha uns cinquenta anos, né? Naquela época, só tinha essa cadeira e eu não fiz porque ela não era obrigatória e não pensava que um dia eu trabalharia com crianças autistas. Fora isso, nunca fiz nenhum curso e quando eu entrei, eu era de Fortaleza, eu fui professora pública lá e agora sou aqui, aí quando eu fiz o concurso que eu entrei lá, nunca havia feito nenhum curso, nunca me deram nenhum curso de formação, como aqui também não. Os professores no Brasil, o autismo, o aluno, digamos assim, antigamente se chamava aluno especial. A educação agora é totalmente aberta, inclusiva, ao mesmo tempo em que o governo não nos dá nenhum preparo. Então, eu entrei nas duas escolas, na outra eu também tinha um aluno autista. Nessa aqui eu tenho, mas eu vou com o coração e com a intuição e com Deus. É Deus quem me diz o que eu devo fazer, porque não preparam os alunos da pedagogia, não preparam para a educação inclusiva. Os PNE's (portadores de necessidades especiais) vêm para as escolas e, infelizmente, o governo faz os concursos e coloca pessoas que nunca tiveram noção de nada. Eles colocam na sala de aula no primeiro dia, é um absurdo!

2) Péssima. Inexistente, só Deus. O Brasil é assim, inventa as coisas, mas é tudo no papel, na teoria. As pessoas da educação, simplesmente, dentro dos seus escritórios, com ar condicionado, eles inventam leis, regras, tudo muito bonito, mas na prática eles não dão nenhum suporte, nenhuma preparação. E as professoras brasileiras são heroínas porque elas fazem isso, tem que ser por amor mesmo, porque sem curso você entra numa sala e pede a Deus ajuda e vai seguindo sua intuição maternal, sua intuição do coração, da alma e assim você consegue ajudar essas crianças. Porque se for esperar pelo governo, pelo MEC, pela Secretaria de Educação, a única coisa que eles mandam são ordens, regras e leis e nenhum suporte, nenhum curso. Escola Inclusiva é muito bonito, acho lindo, mas que a gente passasse num concurso e ficasse recebendo salário e passasse seis meses fazendo cursos antes de assumir. Isso que teria que ser. Porque tem gente que sai da faculdade de pedagogia, passa num concurso e vem pra escola pública sem ter dado uma aula na vida, é só Deus pra ajudar. Toda escola pública deveria ser assim: você tinha que passar num concurso e logo após, no mínimo três meses, você dentro de salas de aula com professoras experientes, com aluno autista dentro da sala. Eu tenho vários tipos de transtorno dentro da sala, o autismo, pra mim, é o melhor. Eu tenho um aluno que tem quatro tipos de transtornos, entre eles, o dele é o transtorno opositor. É aquele que ele vai de encontro a você até você sair do sério. Então você tem que ter muito amor e muita fé em Deus pra você descobrir o que fazer. Mas o governo precisa botar os professores que saem da faculdade de pedagogia dentro de salas de aula com professoras experientes, pra que elas vejam, na prática, como se lida com crianças com transtornos, com autismo, portadoras de necessidades especiais. Ainda é melhor que curso, porque de teoria já chega. É colocar o pessoal que sai da faculdade dentro das salas de aula, porque aqui tem professoras. Essa escola é uma escola modelo. Eu sou encantada, eu cheguei de Fortaleza há pouco tempo. Passei no concurso, estou aqui

desde fevereiro. Estou encantada com esta escola. Mas aqui é amor. Desde a diretora até os funcionários, todo mundo tem prazer em ensinar, tem prazer de cuidar dessas crianças. Aqui tem muita criança autista, tem todo tipo de crianças com transtornos. As professoras estão aqui há 15, 25, 16 anos. São muito experientes. Aqui é verdadeira escola para os alunos de pedagogia e devem ter outras em Brasília, eu não sei, não conheço, cheguei há pouco tempo, mas coloquem vocês novinhas que tão saindo da faculdade, coloca três meses cada uma numa sala dessa aqui, que tenha alunos especiais, em três meses vocês estarão peritas. Aprende, isso é estágio, o governo devia pagar, porque vocês não ficarão três meses dentro de uma escola sem ganhar nada. Então, que o governo pague vocês três meses para serem excelente professoras.

3) Bom, eu tive uma sorte imensa porque o meu aluno autista, inclusive ele não fica nas classes especiais, ele já está incluso e é muito leve o autismo dele, mas eles está entre os três melhores alunos da minha sala. Extremamente inteligente, carinhoso. Agora, há dias que chega e fica silencioso, qualquer coisa ele chora, super sensível, super emotivo, mas uma criança doce, educadíssima, olhe, é um presente de Deus na minha vida. Felipe é assim. Sou louca por ele e eu nunca vi uma criança tão doce, ele é doce, carinhoso, amável, educado e muito inteligente. Ele tem nove anos e lê livros assim, dessa grossura, vai ser um geniozinho.

Eu trato ele igual a todos, não faço diferença. Agora há momentos quando ele chega sensível, inseguro, ele pede: “tia, posso ficar sentado do seu lado?”. Eu digo: “pode”. Não confronto de forma alguma porque eu sei que eles têm necessidades cerebrais, espirituais, então, quando ele quer ficar do meu lado eu boto a carteira dele do meu lado. Quando ele começa a chorar eu pergunto porque ele está chorando e, às vezes ele diz, às vez não diz. Aí eu digo: “então tá, meu amor, pode chorar a vontade”, não reprimo. Ele gosta muito de mim e eu gosto muito dele. A gente se dá muito bem.

a) Não. Ele está em uma regular, mas só ele é autista. Eu tenho outro aqui TDAH, problema auditivo e esse que tem o transtorno opositor, então, eu tenho três. Agora autista, é só ele, mas ele é suave.

b) Bom, se for no caso dele que é leve, não precisa. Mas aqui tem vários autistas que com certeza. A maioria aqui é uma professora para dois e tem casos mais graves que é uma professora pra um. Então, cada caso é um caso. No meu caso eu não preciso. Eu precisaria, talvez, de uma para o outro, pois o outro é outro tipo de transtorno, é o transtorno opositor, que tem dia ele está ótimo e tem dia que ele está muito transtornado.

c) Ele é alegre, agora assim, ele é muito inseguro. Se tiver algum passeio na escola ele só vai se for de mão dada comigo ou com a diretora. Ele confia muito na diretora daqui, gosta muito dela. Então, ele só senta ao nosso lado, ele segura na nossa mão. Aqui, às vezes, tem reagrupamento, que você une duas turmas, separa, bota uns pra lá e outros pra cá, uma metodologia que ele não aceita porque o autista não gosta de mudar a rotina. Então ele simplesmente chora, ele diz: “tia, não vou. Eu vou ficar com você”. Aí eu digo: “então tá!”. Ninguém força a barra de autista, respeita a limitação, a cabecinha deles. Ele é alegre, se dá com todo mundo, ele brinca, todos gostam dele na sala. É

obediente, muito educado, lê bem, escreve bem. Eu estou encantada com o nível cognitivo desse garoto e com o nível de doçura, de amabilidade. Ele é especial mas é um especial diferente. Ele é especial porque ele é muito especial, é muito querido, muito, muito, muito.

4) Ele é um estimulador, ele é também na escola o porto seguro. Ou ele ama ou ele desiste, porque é uma malvadeza botar alguém pra tratar com autista, alguém sem amor, alguém sem dom, alguém que não tenha realmente amor pelo ser humano. Não é só pelo autista não, é pelo ser humano. Eles precisam disso. Se eles ficarem só em casa, eles não se desenvolvem. Eles precisam estar olhando os outros fazerem coisas que eles são capazes de fazer, mas que eles acham que não são capazes. Eles só precisam ser estimulados e amados e eles gostam muito de serem reconhecidos. Nossa, como esse meu aluno. Quando ele faz alguma coisa, ele fica olhando pra mim: "tia olha só eu consegui fazer". Aí eu digo: "meu Deus que coisa maravilhosa". Aí ele olha pra turma e diz assim: "gente, eu fiz tudo e acertei tudo. Aplaudam, me aplaudam"! Tudo que ele faz e eu elogio ele diz: "tia, fala pra turma". Aí eu falo. Aí ele diz: "agora peça aplauso". Aí todo mundo aplaude e ele fica numa felicidade, porque é uma vitória. Cada dia pra eles é uma conquista, uma vitória.

5) É importantíssimo, porque é partir dali que você sai do parâmetro que você vai iniciar. Assim que eu cheguei aqui eu sabia que eu tinha três alunos portadores de necessidades especiais. Eu peguei os relatórios e fui ler tudo e os diagnósticos. A partir daí o que eu fiz? Como eu lhe falei, eu tive um só aluno em fortaleza e aqui eu tenho três. O que eu fiz? Eu fui estudar no computador, na internet. Passei semanas até de madrugada estudando sobre o autismo, sobre TDAH, sobre o transtorno opositor. Porque você tem que ter o diagnóstico do médico só que médico dá o diagnóstico, ele não diz o que você tem que fazer. O Brasil, infelizmente, não tem preparo. Ele não prepara as professoras e a gente, por amor, por profissionalismo, por responsabilidade, nos corremos atrás.

6) Eu ia quebrar bastante a cabeça até descobrir. Porque, por exemplo, esse meu aluno é difícil você saber que ele é autista. Me avisaram que ia ter um aluno autista no primeiro dia de aula. No segundo, eu ficava procurando quem era. Fisicamente ele é lindo, ele não tem nenhum aspecto assim, ele não tem nenhum movimento. Então, é necessário, porque muitas professoras por aí, se ele não tiver o diagnóstico médico acha que o aluno é preguiçoso, mau aluno, mau educado, chato, e não é. Às vezes ele tem um problema cerebral, ele tem uma coisa física. Então, eu acho importantíssimo também, você saber o grau. Aí, você vai trabalhar com aquilo ali e você vai estudar sobre aquilo ali. Eu tive que correr atrás, mas eu tenho esperança que, um dia, o Brasil, antes de colocar suas leis em movimento, em ação, que antes eles tenham planejamento. Eles exigem tanto planejamento do professor, muito planejamento que eles exigem. Só que eles não planejam as leis deles. Eles tratam de, os que estão lá em cima, de planejar as leis só que antes de colocá-las em ação eles chamarem os profissionais, treinarem, quando passarem no concurso, colocarem durante três meses, esses professores dentro de uma sala com alunos especiais, autistas e aí sim, aí sim a educação no Brasil vai melhorar.

7) Eu acho que a socialização. O autista tem muito o mundinho dele, se você deixar ele vai ficar no quarto dele 24 horas por dia, vivendo o mundo dele. Só que se Deus mandou ele “pro” mundo ele tem algo a nos dar e tem algo a receber. E a escola é pra eles o clube, a segunda família, a socialização, a integração no mundo é através da escola. Então eles precisam, realmente, vir para a escola, ver o mundo, ver os colegas, que aí, a cada ano, você ver ele saindo de dentro de si. É como se ele fosse quebrando um ovo. Cada ano eles ficam mais “normais”, porque eles não são anormais, eles são diferentes. Mas eles ficam mais socializados, mais integrados na dita normalidade da sociedade.

Nos graus severos eles sofrem muito e os pais também. Nos graus mais severos não é fácil. Essa coisa do orgulho autista eu não entendia bem o que significava. Eu ficava me perguntando por que os pais vão ter orgulho de ter tido um filho autista? Não é fácil. É difícilíssimo, nos graus mais severos chega a dar um desespero nos pais e se a professora não tiver preparo ela não aguenta. Se ela não tiver estudo, preparo, amor, muito amor, ela não aguenta. Ela fica dois meses e pede pra sair da escola. Mas quem tem dom pra isso, missão de Deus e faz por amor, corre atrás, como eu corri, porque eu amo criança de qualquer jeito. Com ou sem autismo, pobre ou rica. Um dom que Deus me deu é amar crianças, mas o orgulho autista é aquela coisa de quando o autista consegue avançar os pais, o professor tem orgulho dele porque é um heroizinho, é uma heroína. Ele tá vencendo. Então, esse é o orgulho autista. Mas não é fácil pros pais, para as famílias, e pra eles mesmos. Eles se sentem diferentes. Mas com o tempo, você vê a melhora deles e como eles vão ficando integrados, normalizados e como eles vão ficando felizes.

Professora Izabella

1) Faculdade. Depois da faculdade eu fiz curso de capacitação pela secretaria, inclusive eu fiz “pós” pela secretaria nessa área.

2) Quando eu fiz foi muito bom. Hoje em dia os cursos que a gente vai não tem mais novidade na área do autismo. É sempre mais aquela repetição. Então, eu acho que deveria passar dos formadores pra gente coisa nova, inovação, inovar. Eu acho que é uma falha, isso daí. Outra coisa, a demanda hoje é muito grande pela quantidade de cursos oferecidos. Por exemplo, esse ano eu queria pleitear uns cursos na área, é difícil conseguir, não consegue.

3) Meu aluno hoje, inclusive, é uma criança para um professor, pelo grau de dificuldade que ela tem de comprometimento. Então, assim, do início do ano até agora, junho, ela já teve um crescimento muito grande. Inclusive as questões de AVDs, comportamento geral. Eu não digo acadêmico ainda, porque a gente tá nessa fase de comportamento e passos de AVD. Então, assim, eu identifico muito bem que esse foi o meu trabalho em relação a essa criança. Inclusive os pais dessa criança é uma parceria maravilhosa, então, o retorno pra essa criança é maravilhoso. Quando se anda com parceria tudo acontece, agora quando não anda é como você secar gelo. Temos uma rotina, inclusive o trabalho em si com autismo é em cima de uma rotina. A gente tem aquela

rotina na nossa escola de acordo com a programação da escola. Não é especial só pra ela. Ela que tem que se adaptar a escola. Então a gente procura fazer o que a escola propõe dentro de uma rotina.

a) Não. Ele não está em turma regular. Ele está em classe especial, que também tem experiências com a turma regular. Recreio, uma hora cívica, que a gente procura inserir numa sala do regular pra poder apresentar para os colegas. Inclusive, no mês de junho agora, haverá a festa junina. Então a gente vai fazer...dançar juntos, a gente ensaia juntos, vamos apresentar juntos. Claro que eu com minha aluna, ela não vai estar de par com outro aluno, eu vou ser o par dela. Será uma participação, ela ainda não faz aquilo que os meninos do regular fazem. A gente participa, é um meio de socializar. Eu trabalho com outra professora que tem dois alunos com autismo.

b) A gente trabalha em dupla. Com certeza. É uma classe especial? É. Mais eu que ela. Tem uma professora só pra ela, já pensou eu numa sala só com ela? O nosso objetivo não é professor e aluno e sim professor aluno e alunos. E isso é muito importante pra ela e pra mim, porque se eu preciso de alguma coisa a outra está ali pra me socorrer e vice e versa.

c) É linda. Ela é bastante comprometida em termos de comportamento. É uma criança que chegou aqui e praticamente não comia sozinha. Desde o início do ano passado pra cá, praticamente, já melhorou muito. É uma criança que hoje ela senta, já chega perto da carteira, não precisa falar senta, ela já afasta a carteira e senta. Ela já fica assim, mais tempo centrada durante a história, você já conhece, eu não digo assim que ela fica focada, mas ela está atenta. Ela tem boa compreensão, muito inteligente, inclusive, se a pessoa não conhece ela direitinho, porque as vezes ela ganha as coisas pela birra, a força que ela tem de conseguir o que ela quer. Isso eu aprendi com ela, de perceber isso, principalmente quando ela vai ao banheiro. Ela senta ali, dá birra que não quer, esperneia, às vezes grita e ameaça bater a cabeça. Eu fiz toda uma proteção no banheiro com E.V. A, onde ela bate a cabeça. Ela sabe que tem aquilo ali, ela sabe tirar aquilo, ela tenta tirar e, às vezes, consegue. Aí, eu coloco de volta. É assim o momento de birra dela fazer xixi: "você ainda não fez e nosso objetivo aqui é você fazer xixi e você ainda não fez, então eu vou esperar". Aí ela solta um jatinho e prende. "Não, você ainda não fez tudo, vamos fazer tudo!" Ela te olha, faz mais e assim vai, a gente vai aprendendo com ela. É incrível, mas cada criança que a gente pega é um aprendizado.

4) Paciência, muita paciência. É o amor por aquilo que você faz. Acho que é tudo!

5) De você estar trabalhando com algo confirmado, não estar trabalhando com suposições. Apesar de que chega diagnóstico aqui e com o seu trabalho você pede um novo diagnóstico. Aí é outra coisa, mas a maioria vem certinho.

6) Acho que não mudaria, porque pelo meu tempo de experiência, acho que não mudaria muita coisa, porque independente da síndrome, você vai achando um jeitinho.

É a questão da paciência, a questão de ter um olhar diferente, de você esperar que ele te mostre para então você intervir.

7) A parceria. Não adianta eu fazer meu trabalho sozinha. É tanto a parceria de pai quanto a dos profissionais também, principalmente. É parceria em todos os sentidos. É difícil, às vezes, dependendo da criança, pode até ter uma evolução, mas dependendo da parceria pense o tanto que poderia ser melhor.

Eu gosto muito do que eu faço. Não é por nada que eu estou há quase quatorze anos nessa área. Enquanto puder continuar estarei aqui. É gratificante também pelo fato de você fazer alguma coisa e ter retorno, nem que seja o mínimo. De ter o reconhecimento também. Enfim, de você ver o brilho no olhar, tanto dele quanto da família, acho que, principalmente da família. O retorno é muito gratificante, é muito bom.

Professora Aline

1) Fiz os cursos de TGD (Transtorno Global de Desenvolvimento) e AEE (Atendimento Especial Especializado), por isso que eu trabalhava com sala de recurso antes de ir para classe especial de TGD. Agora eu fiz o curso de PEC, que é sobre comunicação alternativa.

2) Pela Secretaria de Educação a gente só tem esse curso de TGD (Transtorno Global de Desenvolvimento). Agora, lá fora, tem outros. Esse mesmo de PECS que eu fiz não foi a secretaria que ofereceu, eu fiz por conta própria, particular. Então quer dizer, eu ainda acho pouco.

3) Numa sala que eu trabalho são cinco estudantes. Eu tenho dois alunos, outra professora tem dois alunos e uma terceira professora tem um aluno só devido à necessidade dele. A gente trabalha em forma de rodízio em sala de aula. A gente trabalha com pareamentos, jogos pedagógicos, a gente trabalha com atividade de mesa e pasta de linguagem. Neste momento, a gente vai começar a implementar o PECS com os alunos. A pasta de linguagem é composta por figuras de alimentação, de animais, de objetos, de ações. Aí a gente tenta focar o olhar na gravura e na palavra embaixo que nomeia a gravura. Essa é a parte de linguagem. Então a gente fala. Os que já estão falando, que não é o nosso caso, - nossa sala não tem aluno ainda que fala, só um, o Samuel, mas ele já pediu transferência. Então a gente sinaliza pra ele olhar pra gravura, a gente fala o nome da palavra pra ele...a gente acha que ele vai tentar entender o que a gente está explicando. Depois tem os pareamentos, que ele vai colocar igual se é objeto, gravura, números, alfabeto, tudo a gente coloca pra eles fazerem o pareamento, colocar o igual. Os jogos pedagógicos são os jogos comuns a uma classe regular, com alguma diferença assim, porque tem que ser jogos que eles consigam realizar a atividade. Para cada aluno a gente tem o material separado. Por exemplo, aquele aluno que é mais comprometido a gente usa jogos mais da realidade dele mesmo. Então cada aluno tem seu jogo de acordo com as suas necessidades. Tanto o pareamento também, na parte de linguagem todos fazem as mesmas, são várias que a gente tem. Também tem o momento de brinquedo, que a gente deixa eles

à vontade. Nesse momento a gente está observando quais são suas preferências e o que eles não gostam também.

a) Ele está em uma classe especial. Esse que saiu está fazendo um momento de vivência, o Samuel. Ele ficava dois dias na semana, segunda e sexta, em momento de vivência com a professora do 1º ano. Na nossa escola a gente já faz mais ou menos isso, uma inclusão, porque eles participam de atividades juntos, tudo aqui é junto, eles não ficam separados, só no momento em que eles estão fazendo as atividades específicas pra eles. Mas, por exemplo, no momento do passeio eles vão juntos com a turma regular, apresentações aqui na hora do recreio eles ficam juntos, as crianças aqui já compreenderam que podem brincar com eles também e eles tem bem isso em mente no comportamento. Na hora do recreio eles até ajudam a olhar as crianças, convidam os alunos com autismo para brincar com eles. Então eles já estão bem integrados aqui. Todos os momentos que a gente tem aqui na escola os nossos alunos participam, apesar de estarem em classe. E também a gente trabalha com inclusão, porque o objetivo da classe é justamente esse, que o aluno vá para a inclusão, que ele fique menos tempo possível na classe e que vá para a inclusão.

b) Mas no caso nós temos três professores, mas cada um com seus dois alunos, exceto uma que trabalha só com um aluno porque ele necessita que seja um para um. E monitor específico pra classe a gente não tem, porque o monitor que a gente tem aqui na escola é um monitor para inclusão, quer dizer, ele trabalha com os alunos, ele apóia os professores dos alunos do ensino regular. Aliás, o aluno que estava na classe e passou a ser inclusão, que está agora estudando no regular, então aí ela apóia, ela faz esse apoio. Aí de vez em quando, por exemplo, o aluno incluído não veio e a gente precisa de alguma ajuda pra trocar fralda, alguma coisa assim, aí ela ajuda, mas a obrigação dela, o foco dela é ficar com a inclusão, não com a classe. A gente trabalha muito em conjunto na classe. Aqui tem dado certo, o normal são dois professores e quatro alunos. Como esse aluno que é um pra um não poderia ficar sozinho porque não tem condições dele ficar só com ela. Quanto mais ele estiver em contato com os outros colegas melhor pra ele, então a gente resolveu fazer essa classe com três turmas, justamente para apoiar a colega. Na realidade, uma apoia a outra sempre que precisa. A gente está ajudando uma a outra. Eu acho muito positivo.

c) Os meus dois que eu tenho, no momento estou só com uma, esperando a matrícula de outro que está escalado para vir. Mas ela não tem oralidade ainda, mas é uma criança muito esperta, tem uma memória visual muito boa. Nas atividades de pareamento ela faz com muita agilidade tudo certinho. A gente já está trabalhando atividades que a prepare para alfabetização. Em comportamento ela não é uma criança muito agitada, muito ativa não, em relação à agitação ela é mais tranqüila. O outro que saiu, o Samuel, era, pedagogicamente, melhor um pouco que ela, porque também ele já falava algumas coisas, muito pouco, mas falava e compreendia. Ele já respondia a comandos simples que a gente fazia com ele. Ela também, apesar dela não falar, ela entende, “pega o papel, joga na lixeira”, “vai pegar sua lancheira”. Ela já faz algumas atividades independentemente.

4) É a gente torná-los independentes e autônomos. Que eles consigam viver sem ter uma pessoa toda hora ao seu lado. Esse pra mim é o principal papel, porque quando ele consegue ser independente, a parte pedagógica vai seguir depois, então é importante que ele adquira essa independência.

5) É importante, porque você sabendo qual é a deficiência do aluno é mais fácil de você trabalhar, de você elaborar no seu plano pedagógico o que você vai fazer com ele. Assim, a observação também é muito importante. O professor observar o aluno, ver as suas potencialidades e necessidades, porque todos eles têm potencialidades. A gente que tem que tentar descobrir e orientá-lo da melhor forma possível.

6) Primeiro a gente vai observar. Após a observação, a gente vai criar a estratégia de atendimento e encaminhá-lo para a equipe psicopedagógica da escola para ela tomar as providências necessárias.

7) Meu coração fala que eu quero que ela seja feliz primeiro. Paralelo a isso, trabalhar sua independência, trabalhar a parte pedagógica, tudo isso é muito importante.

Eu tenho pouco tempo, só tem três anos que eu trabalho com elas, as acho muito espertas e muito inteligentes. As que eu já trabalhei eu consegui perceber isso nelas. E, também, que são carentes de atenção e de compreensão. A maioria é muito desacreditada, assim, precisamos acreditar na potencialidade delas, porque elas têm.

Professora Bruna

1) Um curso de formação pela Secretaria de Educação. De autismo, o curso de pós graduação em Educação Especial, no qual meu trabalho final foi sobre autismo, a avaliação do aluno autista, e cursos que nós vamos fazendo durante a formação.

2) Pouquíssima. Esse ano, por exemplo, não teve nenhum. A escola de aperfeiçoamento não ofereceu nenhuma vaga para quem trabalha com criança autista. Os cursos dos últimos 10 anos foram sempre os mesmos cursos, então, nós que já fizemos não somos contemplados porque não adianta, não existem cursos novos, é a mesma pessoa dando o curso há 10 anos.

3) São várias intervenções. A cada dia nós tentamos práticas diversificadas, pois em um momento atende de uma forma e no outro momento a mesma atividade não tem muito sucesso. Dependendo da forma que a criança chega nós fazemos a atividade, se ele tiver muito agitado nem adianta tentar a coordenação motora mais fina, você já tem que ir para uma habilidade motora grossa, então depende muito do dia, cada dia tem um planejamento e isso vai sendo decidido de acordo com momento. As vezes é necessário mudar a intervenção, o que pensamos que podia ser feito naquele dia deve ser mudado de acordo com o estado em que a criança se encontra.

a) Não, na classe especial ele é aluno único porque ele demanda muita assistência. Ele é muito agitado, impulsivo, hiperativo e tem alta agressão, é monitorado 25 horas, nem

no recreio fica só. O tempo todo deve ter alguém por conta dele, pois ele agride sem dó.

b) Não, nós não temos monitor na Secretaria de Educação, apenas para integração intervenção inversa as classes não são contempladas com monitores. Faz muita falta, é o monitor que ajuda na hora de ir ao banheiro, quando você precisa segurar o aluno para fazer outra coisa, na hora de uma contenção mais firme em que ele está se auto agredindo, nós ficamos mais preocupados porque ele morde de arrancar pedaço, então tem que haver duas na hora de segurar. É nesse momento que faz falta o monitor. Há três professores em sala, todos ajudam, porque como são cinco alunos e três professores então numa emergência uma fica e a outra vai ajudar. D) É muito importante. Trabalhar sozinho é impossível, não tem como. É perigoso porque você não sabe a hora que você vai ter necessidades fisiológicas né? Tem hora que você precisa ir ao banheiro, precisa ir tomar uma água, tem hora que você precisa sair da sala, e aí? Você vai deixar o aluno sozinho? É impossível, porque somos responsáveis pela integridade física das crianças.

c) Ele é impulsivo, hiperativo, tem compulsão alimentar, distúrbio alimentar, então tudo o que ele vê ele põe na boca e come. Ele tem essa necessidade de estar sempre com alguma coisa pastosa, então tudo o que ele tem na mão ele quer colocar uma saliva para virar pasta. É uma criança muito inteligente, muito esperto, tem uma memória visual fantástica, tudo o que ele vê, memoriza. Ele não tem linguagem, mas se comunica muito bem com o olhar, assim a gente sabe o que ele quer.

4) Acho que é essa coisa de estar observando ali no dia a dia o desenvolvimento que as vezes a família nem percebe de tão corrido que é em casa. Aqui acaba percebendo melhor todo o potencial daquela criança, aquela habilidade visual, habilidade auditiva, essa percepção que ele tem das coisas, a gente observa isso e aí que vem o aprendizado das outras coisas. É difícil mas você vai devagar, é outro ritmo mas vai.

5) Bom, o diagnóstico é importante para nortear um pouco e perceber até onde eu posso ir. De acordo com o diagnóstico você não vai ficar forçando uma barra que não é para forçar. Mas não é o fim, nem sempre o diagnóstico é correto, nem sempre o diagnóstico é decisivo. As vezes é que nem esse aluno, ele tinha o diagnóstico de doença degenerativa, agora, com oito anos, que perceberam que não é degenerativa, se fosse ele não estaria como está, mais hiperativo que nunca. Então, ele está se desenvolvendo, por isso os médicos já tiraram esse diagnóstico. Se a gente tivesse se apegado a isso nós estaríamos tratando ele como um coitadinho com doença degenerativa que a qualquer momento vai piorar, mas ele tem progredido, está com F84.0, e está muito bom. Esse diagnóstico degenerativo já foi descartado. Não podemos se apegar ao diagnóstico, mas é importante primeiro para ter o atendimento, se ele não tivesse esse diagnóstico ele não estaria com uma professora, estaria na classe de educação inversa ou na classe de inclusão. Esse diagnóstico é importante dentro da Secretaria de Educação para encaixar esse menino e ir para a turma adequada. Mas a gente não se apega, na hora da intervenção acadêmica é mais um potencial da criança, o que ela demonstra a gente vai intervindo.

6)Eu acho que seria uma intervenção igual a que nós fazemos, uma intervenção inversa, recebemos aquele aluno e você vai observando e tateando aquilo lá e vê o que vai podendo ser feito. Geralmente quando é uma criança retraída, mais quietinha, a gente vai estimulando para que ela fale mais, para que ela se desenvolva e logo a gente chama a equipe. Qualquer observação de comportamento a gente chama imediatamente. Eu já tive aluno que passou o ano inteiro comigo e mesmo com o diagnóstico só foi colocado em turma adequada no ano seguinte, então, as vezes isso acontece, você vai pegar um aluno no início do ano e ter que ficar observando ali o ano todo porque não tem onde colocar e aquele aluno precisa continuar na escola. As turmas são formadas em setembro, então só nesse mês o agente pode dizer que tal aluno tem que vir para tal classe, tem que ir para a integração inversa, então isso tem que ser contemplado no ano seguinte, mas o trabalho é feito com todos.

7)Muito carinho, muita atenção, muita dedicação. Aqui nós trabalhamos observando, porque cada um é de um jeito. Não tem uma receita “Ó, com o autismo você trabalha assim, assim, assim”. Não tem. Cada autismo vai dizer a demanda dele, quer dizer, você vai ter que ir pro visual, auditivo, pro sinestésico, você vai ter que inventar uma coisa que não existe ainda. Tem hora que você “Meu Deus, vou ter que inventar porque não tem mais nada, não sei mais o que inventar”, e vai tentando, tentativa e erro, tentativa e erro. Do retorno que vamos comentando, graduando aquelas fases que estão realmente bem fora da idade do desenvolvimento. Há criança com sete anos que está com desenvolvimento de dois anos, com oito anos de idade o desenvolvimento está um ano e meio. Temos que estar atentos a isso, não adianta você querer que ele faça uma coisa com idade de desenvolvimento de oito anos, você vai ficar ali trabalhando em vão, irritando, as vezes provocando crises na criança desnecessariamente, porque ela está com a idade de desenvolvimento de um ano e oito meses, não vai adiantar de nada. Aí vem aqueles problemas com a família, “ah seu filho é assim, seu filho é assado, eu não dou conta”, daí a pessoa pede devolução porque está ali fazendo uma coisa que não adianta, não é por ali. Então, tem que observar muito e com muito amor porque eles são fantásticos, desde que a gente perceba até onde pode invadir o terreno, com muito respeito porque eles são muito sensíveis, não é porque eles não estão falando que eles não são, são bem sensíveis. Aí é onde a gente tem o embate, porque não vai levar a lugar nenhum muitas vezes a criança muda de professor não é porque o professor era ruim, é o estado de espírito do professor, se ele vai pra aquele professor que tem aquela empatia ele se desenvolve. Precisamos atender, precisamos conhecer, os estudos são pouquíssimos. As pesquisas ainda estão em desenvolvimento, então a gente precisa ler muito, respeitar muito essas famílias, pois são famílias que já estão desgastadas, chegam num lugar e não são bem aceitos, chega no outro e também não, as pessoas ficam olhando. No dia que a gente foi ao shopping as pessoas ficam olhando como se estivesse vendo um ET, e eles sofrem, porque eles tem estereotipia, ecolalia, então ficam vendo as coisas e ficam repetindo, aí fica todo mundo olhando assim descaradamente, nem disfarçam, e isso constrange. Imagine a família. Então, assim as pessoas tem que conhecerem para respeitar. Agora estamos chiques, tem autismo até na novela. Então é essa coisa de divulgar mesmo, pras pessoas respeitarem, aquilo que a gente conhece a gente

respeita, porque quando não conhece tem maledicência, fecha porta, ri, acha engraçado, o outro diz “a se fosse eu, se fosse meu filho já tinha dado umas palmadas”, então a população precisa conhecer e respeitar.